



**PREVENÇÃO CONTRA O CRIME NA
INTERNET SOFRIDO POR ADULTOS
COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

ESTUDOS DE CASO

**PUBLICAÇÃO ORGANIZADA PELOS PARCEIROS
DO PROJETO BE.SAFE**

VARSÓVIA, SANTARÉM, PRAGA, KUMANOVO

2017 - 2018



Este projeto foi financiado com o apoio da Comissão Europeia.
Esta publicação reflete apenas as opiniões do autor, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que
possa ser feito das informações nele contidas.

Índice

Introdução	3
Associação Polaca para Pessoas com Deficiência Intelectual (PSONI)	4
Estudo de caso 1 – Publicação de fotos	4
Estudo de caso 2 – Contacto indesejado via Skype	6
Estudo de caso 3 – Insucesso num portal de namoro	8
Estudo de caso 4, 5, 6 – Problemas de privacidade nas redes sociais	10
Notas finais	15
Associação Centro Regional para Pessoas com Deficiência Intelectual Poraka Nasa	18
Estudo de caso 7 – Obtenção de dinheiro sob falsos pretextos	18
Estudo de caso 8 – Cyberbullying	21
Estudo de caso 9 – Perfil de Facebook falso	24
Notas finais	26
Instituto Politécnico de Santarém	30
Estudo de caso 10 – Facebook bloqueado	30
Estudo de caso 11 – Roubo de identidade	32
Estudo de caso 12 – Perseguição	33
Estudo de caso 13 – Marcação de encontro	35
Inclusão República Checa	41
Estudo de caso 14 – Abusos no Facebook	41
Estudo de caso 15 – Exemplo de como resolver o problema do cyberbullying	44
Estudo de caso 16 – Agência de encontros	47
Estudo de caso 17 – Extorsão de dinheiro	50
Notas finais	53
Inclusão Europa	54
Estudo de caso 18 – Chantagem após partilha de fotos íntimas	54
Estudo de caso 19 – Hacking de conta de Facebook	57
Estudo de caso 20 – Assédio cibernético	59

Introdução

A publicação “Prevenção Contra o Crime na Internet Sofrido por Adultos com Deficiência Intelectual. Estudos de Caso” foi criado como resultado do output intelectual no projeto **Be.Safe - Suporte educacional para pessoas com deficiência intelectual que sofrem de crimes ou violência na Internet** financiado pelo programa Erasums+.

Qualquer um pode estar sujeito à violência cibernética, e isso está a tornar-se um elemento infeliz da vida quotidiana. No entanto, sabemos que as pessoas com deficiência estão muito mais propensas a tornarem-se vítimas de violência, e em particular as pessoas com deficiência intelectual que estão incluídas neste grupo, estão mais expostas a novas vulnerabilidades, por isso é fácil concluir que pessoas com deficiência intelectual são muito mais propensas a violência cibernética do que muitos outros, se não mesmo quaisquer outros grupos.

Os parceiros do projeto pretendem recolher estudos de caso que demonstrem exemplos de situações em que pessoas com deficiências intelectuais podem ser ou realmente foram vítimas de violência cibernética. Os casos recolhidos são enriquecidos por comentários de psicólogos e representantes da polícia.

O estudo de caso pretende trazer conhecimento para professores, formadores e terapeutas, de como evitar o perigo da Internet e se algo aconteceu como reconhecer que uma pessoa com deficiência intelectual sofreu alguma violência, como apoiar e ajudar.

Associação Polaca para Pessoas com Deficiência Intelectual (PSONI)

Estudo de caso 1 – Publicação de fotos



Idade	Sra. A: 37 anos Sr. B: 33 anos
Tipo de deficiência	Sra. A: Severa Sr. B: Severa
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Sra. A: Varsóvia Sr. B: Otwock
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Sra. A: Com a mãe Sr. B: Com a mãe
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Sra. A: Desde 1995 participante do Workshop de Terapia Ocupacional Sr. B: Participante do Workshop de Terapia Ocupacional
Onde utiliza a Internet?	Sra. A: Apenas no Workshop de Terapia Ocupacional Sr. B: No telefone
Outras informações importantes	

Heróis da história: Sra. A. e Sr. B, ambos com deficiência intelectual, participantes do Workshop de Terapia Ocupacional.

Ambos usam smartphones e tiram fotos.

O Sr. B. tirou fotos da Sra. A. A Sra. A deixou-se fotografar de modo a que a cabeça, tronco e busto estavam visíveis.

Sra. A: *Eu lembro-me dele tirar a minha fotografia, eu disse que não queria, eu estava a dizer-lhe isso a ele. Ele tinha essas fotos no seu telefone.*

Por que é que não queria que ele as guardasse no telefone? Que tipo de fotos lá estavam?

Sra. A: *Porque agora é proibido fazer o upload delas. Pode-se pagar uma multa. Ele ameaçou-me que iria colocá-las na Internet. Aprendi a não fazer mais isso. Eu não sei como dizer isso. Não entrarei em mais detalhes, não permitirei tirar tais fotos.*

Comentário do psicólogo

A situação descrita pela Sra. A mostra que, não apenas a publicação, mas até mesmo a ameaça de publicar um conteúdo indesejado na Web pode ser uma situação problemática. A partir das informações fornecidas pela Sra. A, parece que a sua foto não foi para a Internet. No entanto, o seu amigo usou essa foto para ameaçá-la. A Sra. A estava ciente de que ele estava a fazer isso ilegalmente. A Sra. A, ao mencionar esta experiência, diz que aprendeu a não permitir fazer esse tipo de fotos.

Vale a pena prestar atenção à importância de fornecer às pessoas com deficiências intelectuais (mesmo aquelas que não usam a Internet) informações sobre os riscos resultantes de tirar fotos delas. A situação que aconteceu com a Sra. A pode ser usada (de maneira anônima) como um exemplo ilustrativo desse tipo de ameaça. Uma pessoa com deficiência intelectual deve ser informada sobre a publicidade da sua imagem e, portanto, consentir em tirar fotos dela e dar permissão para publicar essas fotos na Internet, apenas as relacionadas com esse consentimento. Ao mesmo tempo, as pessoas com deficiência intelectual que têm telefones com uma câmara devem ser informadas de que, antes de tirar fotos de alguém, devem pedir permissão à pessoa.

Comentário da entidade policial

O caso descrito poderia ser reportado ao agente policial mais próximo. Isso poderia ter sido feito, tanto pela parte prejudicada, como por outras pessoas do ambiente que tinham conhecimento do caso, em conformidade com a obrigação legal que lhes é imposta de informar as entidades policiais acerca de um crime efetuado oficiosamente. Sempre que as entidades policiais tomam conhecimento da suspeita da existência de um crime, devem fazer uma avaliação jurídica e criminal para saber se o comportamento do criminoso esgota as características do delito especificado na lei penal. Além disso, informam a pessoa que relatou o crime, se a ofensa é processada oficiosamente ou a pedido da vítima.

Estudo de caso 2 – Contacto indesejado via Skype

Idade	Sra. X: 33 anos Sr. Y: 35 anos
Tipo de deficiência	Sra. X: Moderada Sr. Y: Moderada
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Sra. X: Subúrbios de Varsóvia Sr. Y: Varsóvia
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Sra. X: Com a irmã, os pais faleceram Sr. Y: Com a mãe
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Sra. X: Participante do Workshop de Terapia Ocupacional Sr. Y: Participante do Workshop de Terapia Ocupacional
Onde utiliza a Internet?	Sra. X: No telefone, computador próprio em casa Sr. Y: No telefone
Outras informações importantes	

Sra. X e Sr. Y encontraram-se no apartamento de treino. Passaram lá, junto com outras pessoas e formadores, um mês.

Sra. X: Ele veio ao meu quarto e deitou-se na minha cama. Eu não queria. Eu estava com medo de engravidar. Depois de deixar o apartamento continuaram a acontecer coisas desagradáveis pelo Skype. Ele continuou escrever-me e a incomodar-me. E, o que me lembro mais, é que ele era importuno, ele continuava a ligar-me e começou a falar de forma feia. A minha mãe ligou para a polícia, a agente da polícia ligou-me e eu contei tudo. E a polícia estava a falar com ele.

Fiquei zangada e tentei bloqueá-lo, porque não gostei do que ele escreveu e fez, mas não consegui bloqueá-lo e pedi ajuda à terapeuta. Ela mostrou-me como fazer e eu fiz sozinha. A partir deste momento eu não lhe ligo nem ele a mim.

Comentário do psicólogo

A Sra. X descreve uma situação em que o acontecimento real foi transferido para a rede digital. O contato online, se ambas as partes concordarem, pode ajudar pessoas com deficiência

intelectual a aumentar e manter os contatos sociais. Pessoas com deficiências intelectuais frequentemente também têm mobilidade limitada (dificuldades de locomoção pela cidade e dificuldades em aprender novos percursos) ou conseguem deslocar-se de forma independente em percursos designados, por exemplo, local de residência - um centro de atendimento diário. As aplicações de comunicação instantânea da Internet, como o Skype, podem ser uma boa solução nos casos em que uma pessoa com deficiência não consegue encontrar um novo amigo no seu tempo livre.

No entanto, no caso da Sra. X, o novo conhecido acabou por ser uma experiência desagradável para ela. O seu relacionamento mostra que o Sr. Y entrou em contato com ela com muita frequência e começou a insultá-la ao longo do tempo. A sra. X informou um membro da família sobre essa situação que decidiu denunciar o caso à polícia. Vale a pena prestar atenção à autonomia decisória da Sra. X e à capacidade de adquirir as informações necessárias. A Sra. X sabia que o Skype tinha a função de bloquear amigos indesejados e pediu ajuda de uma pessoa de apoio da instituição que ela frequenta. Depois de obter as informações necessárias, bloqueou o Sr. Y e assim interrompeu o contacto com o seu conhecido indesejado.

Comentário da entidade policial

No caso descrito, os pais intervieram corretamente relatando o caso à polícia. Outras pessoas do ambiente que tinham conhecimento do caso também poderiam relatá-lo, de acordo com a obrigação legal que lhes é imposta de informar as entidades policiais sobre um crime efetuado oficiosamente. Sempre que as entidades policiais tomam conhecimento da suspeita da existência de um crime, devem fazer uma avaliação jurídica e criminal para saber se o comportamento do criminoso esgota as características do delito especificado no ato penal. Além disso, devem informar a pessoa que relatou o crime, se a ofensa é processada oficiosamente ou a pedido da vítima.

Estudo de caso 3 – Insucesso num portal de namoro

Idade	30 anos
Tipo de deficiência	Moderado
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Varsóvia
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Com a família
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	No momento do evento foi uma participante do Workshop de Terapia Ocupacional, atualmente trabalha na loja: distribui as mercadorias
Onde utiliza a Internet?	No telefone, computador próprio em casa
Outras informações importantes	30 anos

Sra. K é uma utilizadora ativa da Internet. A deficiência nota-se numa conversa cara-a-cara. Também tem alguns problemas com as situações de mudança.

Sra. K: *Eu tenho uma conta no Faceou. Faço compras online. Por exemplo, eu compro sapatos. Eu também tenho uma conta no portal de namoros. Tenho uma foto bonita lá. Um dia conheci alguém no portal. Marquei e fui a um encontro. Mas tudo isso foi muito desagradável.*

Então, o que aconteceu?

Sra. K: *Não quero falar sobre isso.*

Mas pode dizer apenas como se sentiu?

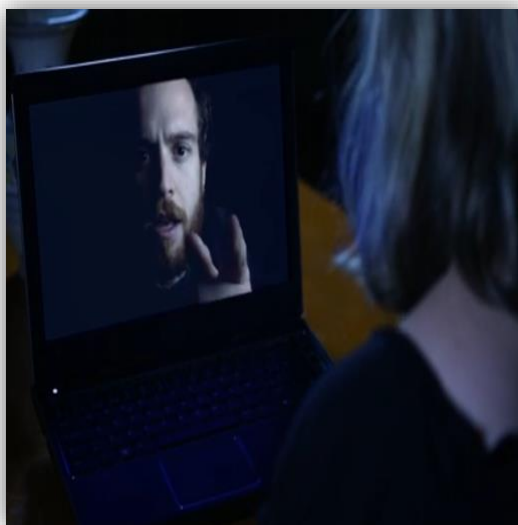
Sra. K: *Eu estava muito assustada e arrependida. Estava com muito medo e arrependida.*

Ainda tem perfil em algum portal de namoros?

Sra. K: *Não, só Facebook. Mas aqui também se pode conhecer alguém. Existem grupos especiais.*

Aprendeu algo com essa situação?

Sra. K: *Sim, aprendi que... aprendi que foi bom o encontro ter sido no centro da cidade.*



Comentário do psicólogo

A situação descrita, apesar do fato de que temos muito pouca informação, mostra que pessoas com deficiência intelectual podem usar e usam sites de namoro. Reunir-se com um homem conhecido pela Internet foi uma experiência muito desagradável para a Sra. K. Ela não quer falar sobre ele, só sabemos que ela ficou com medo e, em seguida, abandonou o site de namoro. A Sra. K. manteve o princípio básico de segurança durante os encontros com pessoas que se encontram através da Internet, que consiste em combinar o encontro num local público. Além disso, é conveniente informar as pessoas que estão à sua volta, que você vai para um encontro, dizer onde será e quando acontecerá. As pessoas que convivem com pessoas com deficiência intelectual devem fornecer-lhes estas informações para evitar situações perigosas.

Comentário da entidade policial

Neste caso, é muito difícil determinar se a intervenção policial é necessária ou possível, pois o participante em questão fornece muito pouca informação. O caso descrito poderia ser reportado à entidade policial mais próxima. Sempre que as entidades policiais tomam conhecimento da suspeita da existência de um crime, devem fazer uma avaliação jurídica e criminal para saber se o comportamento do criminoso esgota as características do delito especificado no ato penal. Além disso, devem informar a pessoa que relatou o crime, se a ofensa é processada oficiosamente ou a pedido da vítima.

Estudo de caso 4, 5, 6 – Problemas de privacidade nas redes sociais

Idade	24 anos
Tipo de deficiência	Síndrome de Down
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Cidade grande
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Com os pais
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Participante no Workshop de Terapia Ocupacional
Onde utiliza a Internet?	Em casa e no Workshop de Terapia Ocupacional
Outras informações importantes	Sr. A é uma pessoa muito ativa nas redes sociais

D: Para começar, quero perguntar. Para que fim utiliza a Internet? Quais os benefícios que obtém dela?

Sr. A: *Eu utilizo a Internet para procurar informações. Entre outras coisas, sobre pessoas famosas e jogadores de futebol.*

D: Quais os portais que utiliza?

Sr. A: *Existem dois. Facebook e Instagram.*

D: O que costuma fazer online?

Sr. A: *Ouçó músicas no YouTube e vejo filmes. Principalmente comédias românticas.*

D: Estou a perceber. Então a Internet é utilizada para procurar informações, ver filmes e ouvir música. E que mais? Pense em como a utiliza todos os dias.

Sr. A: *Eu coloco informações de futebol no Facebook. Foco-me principalmente na figura de Robert Lewandowski. No Instagram, coloco fotos dos sítios para onde vou e faço-o para mim próprio.*

D: O que aconteceu de desagradável ao utilizar a Internet?

Sr. A: *Começou com uma situação em que na minha página de fãs no Facebook (D: sobre a atividade amplamente definida na esfera de um ator amador) um certo homem escreveu-me. Ele usou dados falsos e atuou como representante de uma agência para atores. Propôs-me a participação na publicidade de um famoso produto alimentício, no qual Bartosz Kurek, da equipe de voleibol da Polónia, participou.*

Eu fundei a página de fãs do ator depois de fazer uma atuação de teatro para pessoas com deficiências. Furneci o meu número de telefone verdadeiro, que foi usado mais tarde. Eu sei que não posso dar essa informação. No entanto, adicionei-os e, assim, o homem mencionado anteriormente, da agência fictícia, podia telefonar-me.

D: Diga-me o que fez nessa situação. Quem o ajudou a resolvê-la?

Sr. A: O meu irmão ajudou-me. Entrou na minha conta e escreveu em meu nome. Ele monitoriza, até certo ponto, o conteúdo que publico na Internet. Os meus pais não sabiam nada acerca das minhas atividades nas redes sociais. Eles só souberam do problema que surgiu. O homem da agência fictícia sabia que eu era uma pessoa com deficiência.

D: Esse homem que se fez passar por uma agência de atores. Foi mais para se rir de si ou surgiram ameaças?

Sr. A: Para rir-se de mim. O meu irmão avisou o homem que ele seria contactado pela polícia. E o meu irmão relatou o assunto à polícia.

D: Como é que acabou? Você foi convidado para alguma audiência no tribunal?

Sr. A: Não.

D: Eu entendo. Você está incapacitado?

Sr. A: Sim.

D: Então alguém estava a agir em seu nome?

Sr. A: Sim.

D: Então não sabe como este caso terminou, mas sabe que o seu irmão denunciou o caso à polícia?

Sr. A: Sim.

D: O que é que esta situação lhe ensinou?

Sr. A: Ensinou-me que não devemos colocar as nossas informações pessoais em público.

Comentário do psicólogo

Se uma pessoa com deficiência for deixada "sozinha" enquanto estiver a utilizar a Internet, existe a hipótese dos responsáveis ou membros da família não se aperceberem acerca de eventos que podem ser potencialmente perigosos. Nós não temos informações que detalhem como o Sr. A informou o irmão acerca da fraude publicitária e como ele se apercebeu que os dados que a

pessoa forneceu eram fictícios. Vale a pena saber se foi o próprio Sr. A quem percebeu que a situação era suspeita, ou o irmão, depois de conversar com o Sr. A, chegou à conclusão de que valia a pena verificar a identidade dessa pessoa?

Na situação apresentada, pode ser feita mais uma constatação (também identificada durante o projeto anterior do SafeLabs) - muitas vezes as pessoas que interagem com pessoas com deficiência intelectual são semelhantes, isto é, são pessoas que utilizam a Internet. O Sr. A diz - os pais não sabiam acerca da sua atividade na Internet. Pode-se supor que os pais não utilizam a Internet ou a utilizam-na de forma limitada. Esta situação mostra como é importante educar não apenas pessoas com deficiências intelectuais, mas também as pessoas ao seu redor. O irmão do Sr. A decidiu informar a polícia. O Sr. A não tem informações sobre como decorreu a investigação, justificando-se com a sua incapacidade. Em casos semelhantes - mesmo que se relacionem com pessoas com incapacidades - é importante que uma pessoa com deficiência esteja envolvida na tomada de decisão para informar a Polícia e tenha acesso à informação sobre o resultado do processo. Seria positivo o Sr. A tomar conhecimento de como este caso terminou. Graças à participação no processo decisório de informar a Polícia e conhecimento das informações sobre como o caso terminou, o Sr. A teria a hipótese de criar uma aprendizagem e influenciar a sua própria vida, o que contraria a situação de aprendizagem sem apoio. As pessoas com deficiências intelectuais muitas vezes experienciam a aprendizagem sem apoio, um sentimento que não tem influência sobre o que está a acontecer nas suas vidas. Aprender sem apoio pode expô-los à violência, tanto na Internet como no mundo real.

Comentário da entidade policial

No caso descrito, a família interveio corretamente relatando o caso à polícia. Outras pessoas do ambiente que tinham conhecimento sobre o caso também poderiam tê-lo relatado, de acordo com a obrigação que lhes é imposta a de informar os órgãos responsáveis pela aplicação da lei sobre o cometimento de um crime processado oficiosamente. Sempre que as entidades policiais tomam conhecimento da suspeita da existência de um crime, devem fazer uma avaliação jurídica e criminal para saber se o comportamento do criminoso esgota as características do delito especificado no ato penal. Além disso, devem informar a pessoa que relatou o crime, se a ofensa é processada oficiosamente ou a pedido da vítima.

CASO 4

D: Eu queria terminar o primeiro tópico e ir para os vídeos colocados no YouTube (canal de uma banda fictícia que funciona mais como um grupo de amigos que movem as suas bocas como o “disco polo”. Tudo isso combinado com uma interpretação livre da dança foi colocado como um

filme no canal). Nos comentários desses vídeos também ocorreu alguma situação desagradável? Gostaria de falar acerca disso?

Sr. A: Quando carreguei os vídeos de minhas atuações vocais com o meu grupo, encontrei um conjunto de ameaças e comentários desfavoráveis no portal do YouTube. O meu pai viu esses comentários e ligou para o meu irmão. Ele ordenou que o canal fosse removido. Houve mais um problema e agora sei que não posso publicar. O meu irmão e a minha cunhada agora sabem o que eu publico.

Comentário do psicólogo

O caso é apresentado laconicamente, seria aconselhável obter informações adicionais, inclusive sobre o conteúdo de ameaças e comentários desfavoráveis e como o Sr. A se sentiu quando os leus. Não sabemos qual foi a reação do Sr. A a esses comentários. Ele sentiu-se magoado ou estava furioso por alguém querer assustá-lo e ofendê-lo? É importante recordar que nem todo o comentário insultuoso fará com que uma pessoa com deficiência intelectual sinta que foi magoada. É por isso que vale a pena perguntar sobre os seus sentimentos. Assim vamos assegurar-nos de que os seus sentimentos são importantes, para que no futuro nos encare como pessoas a quem pode recorrer quando surge um problema. No entanto, independentemente da reação emocional, devem ser tomadas medidas para remover comentários, bloquear o seu autor, etc. Neste caso, embora não saibamos o conteúdo dos comentários, pode-se supor que o Sr. A experienciou o chamado discurso de ódio. Não se sabe se os comentários se referem à deficiência das pessoas que aparecem no vídeo. Em tais situações, além das ações destinadas a excluir comentários, reportar e bloquear pessoas que os escrevem é importante para conversar com uma pessoa que tenha experienciado ódio. Explique o que deve ser feito para bloquear/reportar o agressor ou ofensor, mas também para garantir que compreende que ninguém tem o direito de tratar os outros dessa forma. É importante que uma pessoa com deficiência, com o apoio de uma pessoa de confiança - neste caso, um membro da família - possa tomar decisões sobre atividades, ter informações sobre os passos que serão tomados e, se possível, tomar parte ativa neles. (ex.: com o apoio apropriado, remover ou comentar por si próprio).

Outra coisa digna de nota é como o pai do Sr. A tomou conhecimento dos comentários. É o pai que supervisiona a atividade do Sr. A na Internet? Foi o próprio Sr. A que pediu ao pai para ver esses comentários? Quem tomou a decisão de excluir o canal? O irmão falou com o Sr. A e explicou-lhe o porquê de ser boa ideia fazê-lo? Podemos-nos questionar se a eliminação de um canal com vídeos cocriado pelo Sr. A e pelos seus amigos foi a melhor solução. Se os vídeos não eram ofensivos para ninguém, poderiam ter sido deixados, excluindo apenas os comentários ou desativando a opção de comentar o vídeo. A decisão final sobre os filmes deve ser tomada pelo Sr. A depois de discutir isso com o seu irmão.

Uma outra reflexão; se têm amigos e familiares com deficiências intelectuais que possuem contas no Facebook, no YouTube, no Instagram, "façam amizade" com eles na Internet (se eles concordarem, claro). Desta forma, vêem o que eles fazem na Internet e, em caso de comentários desagradáveis, poderão apoiar de forma eficaz e, acima de tudo, rapidamente. O Sr. A menciona que, após a situação acima, o irmão e a cunhada sabem o que ele coloca na rede. Se isso for feito com o consentimento do Sr. A, pode ser uma maneira eficaz de supervisionar a sua atividade na rede e evitar situações perigosas. No entanto, deve ser recordado que a mesma pessoa com deficiência intelectual deve decidir o que publica na web. Devemos apoiar e fornecer informações, mas para apoiar a independência, as pessoas do seu meio ambiente não devem substituir os usuários com deficiências intelectuais na tomada de tais decisões.

CASO 5

D: E o outro problema?

Sr. A: Utilizei o meu telefone para gravar o filme que estava a dar na televisão. Foi removido do canal porque violou os direitos de autor.

D: Sabe o que são os direitos de autor? Sabia que estava a violar a lei?

Sr. A: Eu não sabia. Não conhecia as regras.

D: Gostaria de aprender acerca de direitos de autor para que as violações ocorridas não voltem a acontecer?

Sr. A: Claro, sim.

D: Aqui temos um tópico adicional acerca da ignorância das leis dos direitos de autor por pessoas com deficiências intelectuais. Eu entendo que você quer que esse material seja criado. Este conhecimento faria com que se sentisse mais seguro online?

Sr. A: Eu gostaria de saber o que publicar na Internet.

D: Essas situações mudaram alguma coisa nas suas atividades online? Tem mais medo? É mais cuidadoso?

Sr. A: A minha cunhada explicou-me que eu deveria ter cuidado nas redes sociais.

D: O que aconselharia às pessoas que também têm problemas com assédio cibernético? O que devem fazer essas pessoas, na sua opinião?

Sr. A: Para si meu querido e em especial para crianças que têm incapacidades, eu aconselho a que tenham cuidado. Para evitar que o tribunal e a polícia tenham de intervir, deixe que os seus pais vejam as suas atividades online.

D: Encorajo-vos a acompanhar os resultados da pesquisa e publicações relacionadas com o assunto, num texto de fácil leitura. Obrigado pela conversa.

Comentário do psicólogo

A situação de violação dos direitos de autor descrita pelo Sr. A mostra que ele quer ser um usuário consciente da Internet e está ansioso para obter novas informações sobre como usá-la legalmente e com segurança.

Questionado se as situações acima (casos 4 e 5) mudaram alguma coisa no seu comportamento, o Sr. A indica que agora ele tem mais informações sobre as regras que ajudam a manter a segurança. O Sr. A está ciente do fato de que, para navegar com segurança na Internet, ele precisa ter acesso à informação, mas também concorda com a monitorização da família sobre a sua atividade online.

Notas finais

Comentário do psicólogo

Como no caso de outras formas de violência, abuso ou sofrimento mental, as pessoas do seu meio ambiente devem prestar atenção às mudanças no comportamento de uma pessoa com deficiência intelectual ao utilizar a Internet. Deve ser lembrado que eles não têm que ser consistentes com a nossa imagem de como uma pessoa que vivencia a violência se comporta (tristeza, taciturnidade, choro). A experiência de ser vítima de abuso também pode causar raiva, agressividade, alterações no apetite, dificuldade em dormir, excitação excessiva. Portanto, nenhuma mudança no comportamento de uma pessoa conhecida por nós pode ser subestimada. Se sabemos que uma pessoa com deficiência intelectual que conhecemos é internauta, vale a pena conversar com ela sobre isso, mostrar interesse na sua utilização da Internet, que atividades lhe trazem alegria e prazer. Graças ao nosso interesse, aumentamos a probabilidade de que, se algo desagradável acontecer, a pessoa com deficiência nos fale sobre

isso. Vale a pena falar sobre os perigos do uso da Internet (incluindo assinar um contrato indesejado, conhecer alguém que nos insulte, comentários desagradáveis ou enganadores nas redes sociais). Para facilitar no início, podem usar-se folhetos para autoformação em textos de leitura fácil. É aconselhável fazerem-se cursos sobre comportamento seguro online para pessoas com deficiência, bem como para apoiar pessoas. É importante que um usuário da Internet com deficiência intelectual escolha uma pessoa de confiança do seu meio, a quem pode recorrer se tiver problemas ou se se sentir magoado ou ofendido ao utilizar a Internet. Mesmo que uma pessoa de confiança não possua um amplo conhecimento técnico sobre segurança na Internet, pode primeiramente dar apoio emocional a

uma pessoa com deficiência intelectual e ajudá-la a encontrar ajuda profissional, ou ajudar na decisão de relatar um caso à Polícia. A educação desempenha um papel fundamental na prevenção do cyberbullying. Uma pessoa com deficiência intelectual deve conhecer os princípios básicos de segurança da Internet, deve também saber o que pode ser feito e a quem pode recorrer se se sentir ameaçado e / ou magoado ao usar a Internet. A partir das informações apresentadas nos casos descritos, a maioria das pessoas com deficiência relatou estar preocupada com a situação que lhes aconteceu na Internet.

Comentário do psicólogo:

As pessoas do ambiente devem prestar atenção às mudanças no comportamento de uma pessoa com deficiência intelectual usando a internet.

A educação desempenha um papel fundamental na prevenção do cyberbullying.

Uma pessoa com deficiência intelectual deve conhecer os princípios básicos de segurança na Internet e deve saber o que pode ser feito e a quem pode recorrer se se sentir ameaçado e / ou magoado ao usar a Internet.

Comentário da entidade policial

Com referência aos eventos relatados, cujas descrições foram obtidas durante o exame, gostaria de informar que as cenas descritas no roteiro infelizmente contêm pouca informação que permita uma avaliação legal e criminal precisa dos eventos apresentados. Para determinar que um determinado comportamento é um crime, ele deve conter todos os elementos exigidos pela lei para um determinado tipo de crime. As características do incidente na Lei, cuja totalidade determina a ofensa, devem ser provadas no processo penal, para que uma convicção adequada

para uma determinada ofensa possa ocorrer. Em resumo, cada situação requer uma abordagem individual para um evento específico e a avaliação legal e criminal ocorre apenas no momento de reunir todas as evidências do caso. Vale a pena mencionar que o processo penal na Polónia impõe a obrigação de informar publicamente as agências de aplicação da lei sobre o cometimento de um crime processado oficiosamente. De acordo com o Código de Processo Penal, "todos os que tomam conhecimento sobre um crime processado oficiosamente têm a obrigação social de notificar o promotor ou a polícia". O termo usado significa que todos os cidadãos cumpridores da lei do país têm o dever moral e ético de informar as autoridades sobre a possibilidade de um crime. Não denunciar uma suspeita de cometimento de crime não causa penalidade imposta. No entanto, ao fornecer informações sobre o crime, o cidadão contribui para a deteção e punição dos agressores e, portanto, para o aumento da segurança. A obrigação de notificar imediatamente o promotor ou a polícia, no caso de ter conhecimento sobre o delito processado oficiosamente, também se aplica a instituições do governo estadual e local. De acordo com o Código de Processo Penal, as instituições que tenham conhecimento de um crime (em conexão com suas atividades) estão obrigadas à tomada das medidas necessárias até que seja designado a entidade para julgar os crimes ou até que a ordem do promotor seja emitida por esse órgão para evitar traços e evidência de crime.

Se a parte lesada for uma pessoa menor ou incapacitada, total ou parcialmente, o seu direito, incluindo o direito de apresentar a solicitação, é exercido por um representante legal ou pela pessoa sob a qual a vítima permanece sob custódia (Artigo 51 § 2 kpk).

Resumindo, deve-se enfatizar que sempre que ocorre um crime, bem como em qualquer situação preocupante, é crucial relatar a ocorrência à Polícia, que tomará as medidas necessárias para avaliar a situação.

O tempo de reação ao evento é particularmente importante. A notificação deve ser enviada à Esquadra da Polícia da área do crime. Se isso não for possível ou se a pessoa não souber exatamente onde a infração foi cometida, deve informar o mais breve possível a Esquadra da Polícia mais próxima, que a encaminhará para a unidade apropriada. Há também a possibilidade de fornecer informações de forma diferente, por exemplo, por telefone ou email, também anonimamente, mas a notificação oral, aceite e escrita pelo agente policial na forma de um protocolo, parece ser a mais apropriada. Torna possível ao locutor fazer perguntas e obter respostas abrangentes, muitas vezes dissipando dúvidas quanto ao andamento das atividades realizadas pela Polícia. Desta forma facilita também o trabalho da Polícia e de outros serviços que podem obter rapidamente os dados e informações necessários através de uma conversa. Especialmente em assuntos que podem ser executados pelo cyberbullying (por exemplo, publicar fotos ofensivas ou comentários, assediar, intimidar, usar meios eletrónicos como a Internet) é importante informar o caso à polícia o mais rápido possível e assegurar as provas (ex.: SMS, fotos, as chamadas screenshots do seu telefone ou outro dispositivo).

Associação Centro Regional para Pessoas com Deficiência Intelectual Poraka Nasa

Estudo de caso 7 – Obtenção de dinheiro sob falsos pretextos



Idade	25 anos
Tipo de deficiência	Paralisia cerebral
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Kumanovo (o maior município da Macedónia)
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Com os pais
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Está empregado numa instituição pública
Onde utiliza a Internet?	No local de trabalho e em casa
Outras informações importantes	

As minhas iniciais são AA e tenho 25 anos. Nasci com paralisia cerebral e não tenho deficiência intelectual. Formei-me na Faculdade de Economia de Skopje e estou empregado atualmente. Moro com os meus pais e com a minha irmã e uso mais a Internet quando estou em casa do que quando estou no trabalho. Assim como todos, neste tempo moderno da Internet e das redes sociais, sou bastante ativo. Esta é uma das formas de manter o contato com os meus amigos e familiares, dada a minha incapacidade de ser fisicamente ativo e sair com meus amigos sempre que quero. A maioria de nós pode concordar que a Internet é a ferramenta que mais domina a conexão de pessoas de todo o mundo. Mais e mais pessoas estão a conectar-se na Internet, a trocar mensagens e a manter contato com as pessoas próximas. Tendo em consideração a minha condição física e a incapacidade de sair com frequência, também não sou imune aos hábitos relacionados com todos os tipos de eventos ou histórias, especialmente acerca de desportos e jogos desportivos, comunicação relacionada com trabalho, troca de documentos com os colegas, etc.

Dito isto, a Internet é, também para mim, um local para obter informações sobre todas as notícias a nível local e global. Usando a Internet, posso manter-me informado acerca de todos os tipos de eventos ou histórias, especialmente acerca de desportos e jogos desportivos, comunicação relacionada com trabalho, troca de documentos com os colegas, etc.

Sendo um grande fã de rock, procuro constantemente espetáculos ou concertos das minhas duas bandas favoritas, Iron Maiden e Pink Floyd. Existem muitas outras informações úteis e interessantes que me ajudam na minha vida diária. Embora o uso da Internet e das redes sociais

tenha muitas vantagens, existem certas pessoas que se podem aproveitar de uma pessoa ou tentar usá-la de alguma forma.



Gostaria de partilhar convosco a minha própria história acerca de uma experiência desagradável que aconteceu recentemente. Nesse dia em particular, entrei no Facebook e tinha lá um pedido de amizade de um rapaz. Fui verificar os amigos e vi que tínhamos um amigo em comum - um bom amigo meu. Depois de o adicionar à minha lista de amigos do Facebook, ele iniciou uma conversa comigo e disse-me que ele e os seus amigos estavam a começar uma

equipa de futebol para o próximo torneio local. Em seguida, acrescentou que precisavam de uma bola de futebol e de uma contribuição de 1000 denários (aproximadamente 16 euros) por cada indivíduo, para que a equipa pudesse ser admitida no torneio. Depois, ele enviou-me um tipo de oferta para o torneio para confirmar o pedido. Concordamos encontrarmo-nos no local onde o torneio deveria acontecer, no parque local da minha cidade. Fui pontual, conheci-o e ao resto da equipa e depois fomos preencher o formulário de participação. Enquanto eu estava a preencher o formulário, notei uma diferença enorme entre os formulários que ele me tinha enviado pelo Facebook e o formulário oficial do torneio. O preço para a participação de uma equipa de 8 jogadores, três dos quais são jogadores de reserva, era 1700 denários (aproximadamente 28 euros) no total. A outra diferença era que o formulário oficial do torneio, que o meu novo amigo me deu, tinha o carimbo oficial da organização e a assinatura da pessoa responsável pelo torneio. Usando matemática simples, estimei que com a minha participação de 1000 denários, eu cobria 60% das despesas do torneio, enquanto os restantes 7 membros da equipa cobriam 40% do custo, sendo que eu também dei a bola de futebol que os jogadores usaram durante os treinos entre 2 partidas. No fim de tudo, devido às minhas incapacidades físicas, eles nem sequer me deram a oportunidade de jogar nenhuma das 8 partidas planeadas do torneio, mesmo quando os resultados estavam realmente altos e a nosso favor. Senti-me enganado e sozinho naquele momento, porque apesar das minhas deficiências físicas, eu só queria fazer parte de uma equipa, socializar e ajudá-los, tanto quanto pudesse, a ganhar aquele torneio. Senti que a minha confiança para comunicar com outras pessoas foi afetada. Influenciou especialmente a minha confiança e aumentou o meu medo de comunicar na Internet e nas redes sociais com outras pessoas.

Comentário do psicólogo

Através da leitura cuidadosa e análise do conteúdo do estudo de caso “Extrair dinheiro sob pretextos”, pode-se notar que a Internet está a ser usada para estabelecer contatos e amizades primárias que mais tarde se tornam abusadoras. Mais uma vez, o Facebook como rede social é utilizado para criar contatos. Neste caso, o tipo clássico de cyberbullying (intimidação cibernética) não pode ser determinado de acordo com os tipos de cyberbullying definidos por Nancy Willard, MS, JD... O contexto do evento está interligado e envolve comunicação online e comunicação direta face a face com a pessoa que se torna amiga do AA no Facebook.

Esta é uma discriminação baseada em características pessoais, nomeadamente na condição de saúde e deficiência física. Desta forma, as expectativas da pessoa AA não foram correspondidas, isto é, ele não foi incluído nos jogos, embora tenha feito uma doação como qualquer outro membro da equipa. Ao não ver as suas expectativas correspondidas, AA sentiu-se enganado, solitário e rejeitado. Esta experiência foi definitivamente desagradável para AA e contribuiu para uma menor autoconfiança em comunicações futuras com outras pessoas, independentemente de a interação realizar-se offline ou online.

No estudo de caso não está especificado quais os passos que a pessoa AA tomou. A estratégia possível para enfrentar esse problema é partilhá-lo com os pais/responsáveis, bem como com amigos mais chegados. Além disso, o Facebook tem opções para bloquear certos contatos. Trabalhar com equipas de especialistas para estabelecer confiança no contato com outras pessoas, seja na comunicação direta ou online, também é uma possibilidade.

Comentário da entidade policial

Em particular, para o primeiro caso "Extrair dinheiro sob pretextos" que apresenta, tem de ter uma conversa com AA acerca dos vários detalhes em questão, a fim de determinar se há uma suspeita razoável de cometer um ato criminoso de "Fraude" nos termos do artigo 247, parágrafo 2 do Código Penal, para o qual, de acordo com o artigo 247, parágrafo 8, a acusação é realizada numa ação judicial privada.

Estudo de caso 8 – Cyberbullying

Idade	41 anos
Tipo de deficiência	Incapacidade intelectual severa
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Kumanovo (o maior município da Macedónia)
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Com os pais
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Serviço social num Centro de Dia para adultos
Onde utiliza a Internet?	Não utiliza a Internet; é a sua mãe que utiliza
Outras informações importantes	

ET é uma pessoa de 41 anos com deficiência intelectual moderada. Foi institucionalizada durante muitos anos, onde aprendeu a cuidar de si e do ambiente que a rodeia. Raramente visitava a sua casa. Em 2000, quando o processo de desinstitucionalização na Macedónia começou, os seus pais decidiram retirá-la da instituição para que ela pudesse começar a frequentar o Centro de Dia para pessoas com deficiência intelectual na sua comunidade local. O resto do dia, ela passava-o em casa com a sua família. ET é uma pessoa que não sabe ler nem escrever, e por ter sido institucionalizada durante muitos anos, não utiliza a Internet como uma ferramenta de comunicação. Não tem perfis no Facebook e Twitter e não usa o YouTube ou aplicativos semelhantes na Internet. Um dos pais (a mãe) de ET tem seu próprio perfil de Facebook, onde muitas vezes expressa as suas opiniões, atitudes e sugestões sobre o tema da deficiência na República da Macedónia. Partilha, também, fotos da sua família e utiliza o Facebook para poder comunicar com os outros pais, educadores e com o Centro de Dia de onde a sua filha é beneficiária.

Numa dessas fotos, a mãe partilhou a imagem da filha ET. Essa mesma foto foi tirada por uma pessoa desconhecida, que usou a foto, colocando-a num grupo aberto com muitos membros, onde o propósito do grupo é o escárnio de fotos com diferentes conteúdos. Até mesmo a administradora do grupo adicionou comentários e orientações sobre como ridicularizar e insultar ainda mais a foto da ET. Num curto espaço de tempo, a foto atraiu muitos comentários insultuosos e ofensivos, e foi partilhada rapidamente na rede social, tendo sido vista por muitas pessoas. A mãe diz que familiares e amigos começaram a ligar-lhes para casa para lhe dizer que a foto da sua filha estava a ser abusada e usada com más intenções. Naquele momento, a mãe expressou os seus sentimentos de que, quando experiencia cyberbullying, pode sentir que está a enfrentar um invasor poderoso e invisível. Sente-se zangado, amedrontado e doente, sob ataque na sua própria casa e impotente para se defender, mesmo que tenha conhecimentos de informática.

Ela disse: *Sinto-me constrangida e envergonhada por termos sido enganados e tornarmo-nos vítimas de cyberbullying, e culpamo-nos de não fazermos mais para nos proteger. Mas, mais*

tarde, quando penso com atenção, percebo que a culpa não foi nossa - só o agressor é responsável por este bullying, e não temos necessidade de nos sentir constrangidos ou envergonhados.

A mãe relatou que, no momento em que a ridicularização e escárnio estavam a decorrer, ela sentiu-se desamparada, mas também frustrada por não saber a quem, onde ou como relatar o incidente. No final, o incidente foi relatado na rede social, denunciada a violação do grupo e a foto, tendo a foto sido removida. Embora, até hoje, ela mencione que as pessoas ainda se lembram e falam sobre o que aconteceu com a ET. Esta família está a lutar contra a estigmatização e estereótipos na pequena comunidade onde vive, só porque têm uma filha com deficiência. Este incidente apenas os fez lidar e arcar com o mesmo problema, só que desta vez através das redes sociais, o que deixou muitas consequências negativas em toda a família.

Infelizmente, eles sentiram que não têm onde expressar a sua revolta, que ninguém se consegue opor a tais ações e que ninguém pode ajudar as famílias a processar os agressores.

Hoje em dia, a mãe usa as redes sociais, e a Internet em geral, em raras ocasiões, para partilhar informações privadas ou fotos da sua família, especialmente da sua filha. No entanto, embora não com tanta frequência, os membros da família ainda usam a Internet como uma ferramenta para buscar informações ou para expressar as suas próprias opiniões sobre determinados tópicos, mas são muito cuidadosos quando publicam algo relacionado com a sua irmã ou com uma filha.

Além disso, eles ainda usam a Internet para comunicar com familiares, amigos e educadores do Centro de Dia. Eles dizem que muitas vezes seguem a página de Facebook da organização para que possam manter contato com o trabalho e com as atividades implementadas, e para ver o que a filha vai fazendo.

Infelizmente, o sentimento de raiva e desamparo de que uma situação semelhante possa voltar a acontecer - e não há mecanismo para impedir tal experiência - ainda está lá.

Comentário do psicólogo

Cada um de nós pode ser alvo de cyberbullying.

Através da análise do estudo de caso do “Cyberbullying”, pode-se perceber que a pessoa ET e sua família vivenciaram cyberbullying através da rede social Facebook. Este tipo de bullying é chamado de Traído e Exposto.

Traído e Exposto envolve publicar informações secretas ou desagradáveis de alguém ou publicar fotos de alguém. Neste caso, o cyberbullying é manifestado através da publicação de comentários ofensivos e insultuosos numa determinada foto publicada.

Não há nenhuma informação explícita para qual aspeto da foto este comentário se relaciona (se os comentários se referem à etnia, gênero, idade, deficiência ou algum outro aspeto da pessoa na foto publicada).

O principal aspeto da intimidação é que esta tem um grande impacto emocional e psicológico. Neste caso, a mãe de ET expressa respostas típicas e imediatas que uma pessoa experiencia durante o cyberbullying: raiva, medo, vergonha e frustração, assim como o sentimento de incapacidade para se proteger a si própria e à sua família desse tipo de intimidação ou maus-tratos.

Neste estudo de caso, falta informação que permitiria mostrar-nos mais diretamente como a pessoa ET vivencia esta experiência desagradável. Se expressa sentimentos de vergonha, isolamento, tristeza, mudanças nos hábitos alimentares e de sono, mudanças de humor, ou mudanças nas rotinas diárias que lhe trazem alegria e satisfação.

Neste caso, temos uma estratégia ativa de enfrentar a situação-problema, reportando o caso na rede social, e a mãe partilhando a experiência com outras pessoas também. Uma estratégia possível para lidar com este problema é informar os funcionários do Centro de Dia que a sua filha frequenta, bem como solicitar aconselhamento/assistência jurídica para saber se este caso pode ser denunciado como "abuso de dados pessoais".

Mother said: I feel embarrassed and ashamed that we were tricked into becoming a victim of cyber bullying, and blame ourselves for not doing more to protect us. But latter when I think carefully we were not to blame – only the offender is responsible for this bullying taking place, and we have no need to feel embarrassed or ashamed.

Comentário do psicólogo

Em relação ao segundo caso "**Cyberbullying**", no qual uma foto publicada num perfil de Facebook foi descarregada, a pessoa que publicou a foto poderia ter sido informada sobre como a proteger e evitar o seu uso indevido por pessoas maliciosas. No entanto, quando isso aconteceu, poderia ter sido relatado à polícia, verificando e determinando o conteúdo do post publicado, tal como o agressor, para ver se os dados pessoais ou uma fotografia foram abusados e, com base nos dados obtidos, ver se há base para uma suspeita de crime ou para um delito.

Estudo de caso 9 – Perfil de Facebook falso

Idade	43 anos
Tipo de deficiência	Distúrbios combinados do desenvolvimento
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Skopje (capital da Macedónia)
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Com o pai, a mãe já faleceu
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Serviço social para defesa pessoal SOLEM
Onde utiliza a Internet?	No serviço social / em casa
Outras informações importantes	

O meu nome é E.C. e tenho distúrbios combinados do desenvolvimento (paralisia cerebral, hidrocefalia e deficiência intelectual). Terminei o ensino secundário numa escola especial. Moro em Skopje com o meu pai, a minha mãe já faleceu. Não estou empregada, mas vou ao SOLEM diariamente e lá participo em workshops para projetar e criar produtos. Eu uso a Internet, acima de tudo, o Facebook, o Viber e o YouTube. Uso o Facebook e o Viber com mais frequência para entrar em contato com a minha irmã que não mora na Macedónia. Tenho muitos amigos no Facebook, mas alguns deles não os conheço pessoalmente. Há algum tempo atrás não sabia como proteger os meus dados e fotos no Facebook, mas os educadores e auxiliares do SOLEM ensinaram-me a proteger os meus dados. Mas, antes disso, um evento desagradável ocorreu porque eu não sabia que qualquer um pode usar as minhas fotos já publicadas. Então, um dia, uma amiga perguntou-me o porquê de eu ter um novo perfil no Facebook e se ainda usava o antigo. Eu disse-lhe que não tinha um novo perfil e que só uso o que sempre tive. Ela disse-me que alguns dias antes tinha recebido um pedido de amizade meu e que tinha aceitado. Eu estava muito confusa.

A foto de perfil era a mesma que a minha, o nome e o apelido também. A única diferença era que este perfil 'novo' de Facebook tinha um símbolo de estrela no final do meu apelido. Eu avisei todos os meus amigos imediatamente que alguém tinha feito um perfil falso no Facebook com foto, nome e apelido idênticos aos meus, e avisei-os para não aceitar aquele pedido de amizade porque não era meu. Eu estava com medo e não sabia exatamente o que fazer, então decidi desligar completamente o meu perfil atual e não uso o Facebook há meses. Quando eu comecei a voltar ao SOLEM, disse-lhes o que aconteceu e a razão pela qual não usava mais o Facebook. Eles aconselharam-me sobre como proteger as minhas fotos e dados para que ninguém possa vê-los, para além de mim. Foi aí que decidi criar um novo perfil e os meus auxiliares do SOLEM ajudaram-me e mostraram-me como estar mais protegida no Facebook. Agora, também consigo ajudar outra pessoa a proteger as suas próprias fotos e dados no Facebook. Os meus auxiliares

também me disseram que podia relatar o caso na Agência para Proteção de Dados, mas na altura não tinha conhecimento dessa opção.

Agora, uso o meu perfil do Facebook novamente, mas todos os meus dados estão protegidos e as minhas fotos publicadas só são visíveis para os meus amigos já aprovados no Facebook.

Eu costumo usar a Internet quando estou em casa, raramente no SOLEM para poder estar em contato com os meus amigos, familiares e ver o que se passa no Facebook. Mas agora, cada vez que quiser publicar uma foto minha ou de um dos meus amigos, ou quiser partilhar algo com os meus amigos do Facebook, sou muito cuidadosa com a forma de o fazer e como escolher o que publicar. Como precaução, verifico sempre se o que vou publicar é realmente partilhado apenas com meus amigos. E lembro sempre os outros para que façam o mesmo. Não quero que ninguém se sinta manipulado ou triste, como aconteceu comigo.

Comentário do psicólogo

Cyberbullying (intimidação cibernética é um tipo de bullying (intimidação) que acontece ao utilizarem-se dispositivos digitais, como smartphones, computadores portáteis, tablets, entre outros. Cyberbullying pode surgir através de mensagens de texto, aplicativos ou publicações em redes sociais, fóruns ou jogos, onde as pessoas podem participar passiva ou ativamente, ou partilhar diferentes tipos de conteúdos. Com o aparecimento de novas tecnologias e da Internet, a escola não é o único lugar onde a intimidação e maus tratos podem ocorrer, também acontece online.

Ao analisar o conteúdo do estudo de caso do "Perfil falso de Facebook", pode observar-se que a pessoa E.C. está a passar por uma intimidação virtual através da rede social "Facebook", tratando-se de um tipo de cyberbullying conhecido como Personificação/Representação. A personificação é fazer-se passar por outra pessoa, ou seja, fazer login na conta ou perfil e publicar conteúdos que visam afetar a imagem da outra pessoa, prejudicando a sua reputação e amizade com outras pessoas. Esta não é uma forma direta de violência (como bater, pontapear, insultar e ameaçar), mas é uma forma indireta de violência (intimidação, maus-tratos) em que o agressor é anónimo e pode facilmente esconder a sua identidade.

De acordo com as declarações da pessoa E.C., pode-se concluir que esta pessoa se sente enganada, perturbada e confusa. Também sente medo. A confusão e o sentimento de medo podem ser suportados pelo fato de que a pessoa começa por determinar que não estava informada e afirma que foi surpreendida e não estava ciente dos possíveis tipos de violência que podem ocorrer online. A sua primeira reação ao enfrentar o cyberbullying (intimidação cibernética) foi remover e terminar a conta de Facebook.

Então, a pessoa E.C. teve uma abordagem mais ativa ao enfrentar a situação-problema. Transmitiu o problema para as pessoas competentes (assistentes da SOLEM) que a direcionam para um uso mais seguro da Internet. Embora a primeira reação tenha sido a retirada (terminando a conta de Facebook), ela decidiu partilhar ativamente a sua experiência com outras pessoas, para que possam aprender com a desagradável experiência de terem o perfil de Facebook "roubado".

Outra estratégia possível para enfrentar a situação-problema acima mencionada é informar o próprio Facebook que a conta está comprometida. Nestes casos, ser feito através da página de login do Facebook na opção A minha conta está comprometida. A assistência jurídica também pode ser solicitada para verificar se esse caso pode ser denunciado como um ato de “abuso de dados pessoais”.

Comentário da entidade policial

No terceiro caso, "Perfil Falso de Facebook", a pessoa E.C. agiu corretamente, pedindo ajuda e protegendo os dados que partilha publicamente numa rede social. Se isto tivesse sido referido anteriormente, o evento descrito não teria acontecido, mas foi bom ela ter partilhado a experiência mais tarde com os seus amigos para que estes não passassem pelo mesmo. Em qualquer dos casos, para qualquer suspeita ou evento, é necessário informar a polícia a fim de realizar verificações adicionais, se há mais do que o que está escrito no estudo de caso, que dados são roubados, e para que fins são usados por a outra pessoa, determinando se a intenção era fazer algum benefício para si mesma ou para outra pessoa ou causar algum dano a outra pessoa.

(Artigo 149, parágrafo 2 do CL)

Notas finais

Comentário do psicólogo

- Para conduzir um estudo empírico genuíno, a fim de detetar através de qual meio (formulários nas páginas na Internet ou redes sociais), as pessoas com deficiência intelectual são mais frequentemente expostas a ataques cibernéticos (intimidação virtual); como e de que maneira estão a utilizar a Internet: computador portátil, tablet ou smartphone;

- Com base nas conclusões do estudo empírico original, para fazer as alterações adequadas nas legislações, a fim de proteger as pessoas com deficiência intelectual (ou outra) no caso de cyberbullying;
- Formação de profissionais (psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, etc.) que serão “primeiros socorros” onde as pessoas com deficiência intelectual poderão reportar cyberbullying;
- Organizar ou abrir um centro de aprendizagem para o uso seguro da Internet, tanto para pessoas com deficiência intelectual e os seus pais ou responsáveis, como para construir uma abordagem eficaz que integre pais e professores ao lidar com o cyberbullying em escolas especiais;
- Organizar workshops para desenvolver habilidades sociais e construir relações interpessoais, para evitar vícios na utilização da tecnologia e Internet, reduzindo assim a possibilidade de exposição a cyberbullying;
- Criação de programas anti-bullying e anti-cyberbullying (intimidação cibernética), e;
- Prestação de assistência jurídica para lidar com o cyberbullying (intimidação cibernética).

Comentário da entidade policial

Em relação ao seu pedido de entrevista e aos acontecimentos que foram denunciados por cidadãos que preferiram permanecer anónimos. Relativamente aos eventos que não foram denunciaram à polícia, mas estão relacionados com "fraude e abuso na Internet" a SIR (SVR) Kumanovo, a respeito de 'fraude e abusos na Internet', através das suas unidades municipais, está a adotar medidas preventivas para fortalecer a conscientização necessária para uma pessoa reconhecer e proteger-se de abusos online, mas também para detetar e sancionar os autores dos abusos online.

O departamento de Prevenção, que trabalha através de atividades de projeto e educação, está a informar todos os cidadãos acerca dos seus direitos humanos, detetar a sua violação e ajudar a proteger os cidadãos, incluindo de abuso online.

Os grupos-alvo no trabalho preventivo são jovens estudantes dos ensinos básico e secundário. Este grupo de estudantes inclui jovens com deficiência intelectual que são admitidos em aulas regulares nas instituições educacionais. Além disso, há reuniões organizadas com os cidadãos e debates com professores e pais realizados todos os anos, em todas as escolas e estabelecimentos, especialmente nos últimos anos com a expansão das redes sociais. Nesses eventos, referimos os possíveis abusos, informação e proteção de dados, incentivando o reconhecimento e a comunicação à polícia, independentemente de haver suspeita de que algo tenha sido feito; uma queixa, um delito ou um crime, capacitando assim os cidadãos para relatar

essas suspeitas em tempo útil, reportando à polícia para tomada de medidas e passos concretos. Neste evento estão presentes pessoas com deficiências intelectuais e os seus pais.

Para cada evento relatado, verificações operacionais são realizadas imediatamente. Em caso de reclamação, há uma medida adequada de forma oral, uma advertência por escrito, ou se for determinado que existem elementos de delito, um relatório sobre um delito cometido é emitido de acordo com a ZPPJRM e um pedido de início do procedimento de delito é submetido ao Tribunal Primário.

Na ocorrência do caso conter elementos de um ato criminoso em conformidade com a Lei sobre o Processo Penal, o PPP (OJO) é notificado, para trabalhos e esclarecimentos adicionais acerca de que ato criminoso está envolvido. Além disso, o oficial de polícia toma medidas, recolhendo provas e submetendo-as ao Ministério Público Primário. Então, são levantadas acusações com suspeita razoável de ser cometido um crime, de acordo com o Código Penal.

Em particular, para atos criminosos relacionados com “fraude e abuso na Internet”, existe uma Divisão de Crimes Informáticos da OCK, que toma medidas exclusivamente para atos cometidos por meio de um computador ou sistema eletrónico.

Quando se trata de pessoas com deficiência intelectual, devido à sua condição especial, elas não reconhecem o abuso, não sabem o que e onde relatar e têm dificuldades em discutir o evento.

De modo a recolherem-se provas e tomarem-se medidas de forma mais eficiente, a pessoa que foi abusada deve relatar o evento imediatamente ou assim que toma consciência do que aconteceu.

Dado que os cidadãos, incluindo pessoas com deficiências intelectuais, às vezes não sabem onde e como relatar, ou têm medo de que não sejam aceites, não relatam esses eventos imediatamente ou não os relatam. **Eles têm que ter a certeza que podem relatar o evento de abuso, até mais tarde do que no dia da ocorrência ou serem informados de que podem relatar o evento.**

Este comentário também se aplica aos exemplos fornecidos por pessoas anónimas, mas que não foram denunciadas à polícia. O abuso na Internet também pode ser motivado pelo ódio contra o grupo-alvo, caso em que a polícia oferece um panfleto de “Informações sobre vítimas de crimes de ódio” após o relato, que mostra como identificar crimes de ódio, oportunidades de notificação e assistência legal, bem como aumentar a consciência pública para a prevenção de crimes de ódio na comunidade.

Trabalhar com pessoas com deficiências intelectuais requer acesso e atenção apropriados. Para atos criminosos envolvendo pessoas com deficiências intelectuais, dependendo do crime e do grau de deficiência, a entrevista é feita por um trabalhador designado para o caso ou por um inspetor de delinquência juvenil (com formação apropriada). Também trabalhamos com outras instituições do estado que podem ajudar a informar e proteger esse grupo-alvo, bem como a cooperar e discutir com ONGs que lidam com esse assunto.

Os oficiais de polícia são treinados para uma abordagem profissional, respeitando os direitos humanos sem preconceito, sem discriminação e sem qualquer forma de desrespeito aos cidadãos, incluindo pessoas com deficiência intelectual e as suas famílias. A polícia também tem uma equipa de trabalho na parte preventiva para reconhecer e proteger do abuso da Internet, bem como para conduzir um procedimento e enviar uma submissão apropriada ao Ministério Público do Ministério Público (OJO).

É necessário fornecer proteção especial para pessoas com deficiência intelectual, com formação, comunicação e meios de comunicação, exemplos e ferramentas práticas - exercícios de informação para este grupo de pessoas.

Estamos abertos a uma maior cooperação para melhorar a proteção, informação e segurança de pessoas com deficiência intelectual.

Instituto Politécnico de Santarém

Estudo de caso 10 – Facebook bloqueado

Idade	16 anos
Tipo de deficiência	Deficiência intelectual leve e mutismo seletivo
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Santarém - Cidade
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Instituição de acolhimento para raparigas - Lar das raparigas
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Frequenta um curso de formação profissional em culinária
Onde utiliza a Internet?	Na Instituição, na escola e em casa
Outras informações importantes	

A Inês é uma jovem de 16 anos com deficiência intelectual e funcionalidade ligeiras, tem mutismo seletivo e está institucionalizada.

Concluiu o 2º Ciclo do Ensino Básico como aluna com Necessidades Educativas Especiais e está a frequentar um curso profissional.

Apresenta uma escrita e compreensão da leitura razoáveis, mas dificuldades acentuadas ao nível da expressão oral.

Normalmente utiliza a Internet para aceder às redes sociais.

Um dia, quando tentou entrar na sua conta de Facebook, não conseguiu porque estava bloqueada, alguém lhe tinha roubado a senha e impossibilitado o acesso. Para solucionar o problema pediu ajuda a uma colega que lhe conseguiu desbloquear a conta. Desde este incidente não alterou o seu comportamento online, apenas considera ser mais prudente não aceitar pedidos de amizade de pessoas desconhecidas.

Comentário do psicólogo

A nível psicológico, o impacto individual do crime informático irá depender de um conjunto de fatores, nomeadamente a história clínica do sujeito e a qualidade do seu suporte social.



Tratando-se de alguém com diagnóstico de PDI (Perturbação do Desenvolvimento Intelectual), os recursos cognitivos que permitem perceber e fazer um juízo crítico adequado ou gerir e solucionar o problema, naturalmente, constituem um obstáculo significativo. Além disso, a investigação tem mostrado que as pessoas com PDI são mais vulneráveis ao desenvolvimento de doença mental, constituindo-se casos de duplo diagnóstico. Dependendo assim do estado mental da vítima, o crime informático poderá despoletar uma alteração no estado psicológico do sujeito, por exemplo, sobre a forma de diversos sintomas de ansiedade fisiológica, inquietação, medos e obsessões, insegurança e preocupações excessivas, podendo consubstanciar-se em quadros de Perturbação Mental.

Atendendo às características intelectuais e adaptativas do sujeito com PDI, é fundamental que para sua segurança e equilíbrio emocional exista algum condicionamento e supervisão no acesso à Internet. Na medida em que o sujeito não tiver autonomia para dar resposta em diversas situações sociais da vida real, também não terá capacidade para se manter em segurança em redes sociais da Internet. Portanto, nestes casos deve ser limitada a visualização de determinados conteúdos, bem como a utilização de credenciais de acesso a contas privadas. Quando o bem-estar psicológico for nitidamente afetado, perturbando o normal funcionamento do sujeito no seu dia-a-dia em algum contexto, ao nível intra ou interpessoal, deverá ser sempre considerada a necessidade de uma intervenção especializada.

Estudo de caso 11 – Roubo de identidade

Idade	19 anos
Tipo de deficiência	Deficiências intelectual e emocional ligeiras
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Santarém - cidade
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Com a mãe, pai e irmão mais novo
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Frequenta um curso de formação profissional em culinária
Onde utiliza a Internet?	Em casa e na escola
Outras informações importantes	

O Carlos é um jovem com 19 anos, com deficiências intelectual e emocional ligeiras e com uma funcionalidade razoável.

Concluiu o 2º Ciclo do Ensino Básico, como aluno com Necessidades Educativas Especiais e está a frequentar um curso profissional.

Apresenta uma leitura e expressão oral razoáveis, mas tem dificuldades acentuadas ao nível da escrita.

Normalmente utiliza a Internet para aceder às redes sociais para falar com a família, gosta de publicar fotografias de carros e camiões com pequenas frases escritas e vai ao YouTube ouvir músicas.

Um dia, quando entrou na sua conta de Facebook, viu fotografias e frases escritas que não tinham sido colocadas por ele, alguém lhe tinha roubado a senha e invadido a sua privacidade.

Ficou triste com a situação, mas não fez nada para a solucionar nem pediu ajuda a ninguém, reagiu e continuou a fazer tudo normalmente.

A partir deste incidente não alterou o seu comportamento online, apenas considera ser importante ver o histórico do navegador de Internet.

Estudo de caso 12 – Perseguição

Idade	19 anos
Tipo de deficiência	Deficiências intelectual e emocional ligeiras
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Santarém - cidade
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Com a mãe, pai e irmão mais novo
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Frequenta um curso de formação profissional em culinária
Onde utiliza a Internet?	Em casa e na escola
Outras informações importantes	

A Verónica é uma jovem com 17 anos, com deficiências intelectual e emocional ligeiras.

Concluiu o 2º Ciclo do Ensino Básico como aluna com Necessidades Educativas Especiais e está a frequentar um curso profissional.

Apresenta uma leitura, escrita, expressão oral e funcionalidade razoáveis.

Normalmente utiliza a Internet para aceder ao Facebook, consultar o email (Hotmail) e ir ao YouTube ouvir músicas.

Através do Facebook, pessoas mais velhas começaram a colocar-lhe questões pessoais, sentiu-se perseguida e teve medo que lhe quisessem fazer mal.

Resolveu a situação sozinha, bloqueando a pessoa e continuou a fazer tudo normalmente.

Pensa que não deveriam existir pessoas que queiram fazer mal aos jovens.

Comentário do psicólogo

Caso 2 e Caso 3

Os efeitos de abusos ou crimes, sejam quais forem, afeta sempre negativamente quem é vítima (física ou moralmente). Também parece ser claro que tal varia de pessoa para pessoa, do tipo de abuso, e, no caso particular de “limitações cognitivas”, varia em função do grau de severidade da incapacidade e da capacidade que a pessoa tem para interpretar a realidade ou prever consequências dos seus atos. As variáveis são infinitas e passam pela noção que a própria vítima

tem de risco, a capacidade que tem para resolver problemas (mesmo que simples), a consciência de identificar e reconhecer (ou não) se sofreu abuso ou crime, se isso a afeta, se isso a magoa, ou pelo contrário, se isso lhe provoca prazer.

Da experiência diária de trabalho com pessoas com limitações moderadas/ligeiras (e, certamente, para muitas outras), a informação, sensibilização e prevenção de situações de risco, ou mesmo perigo, nem sempre é suficiente quando o impulso bate à porta. Nesta vulnerabilidade é importante que sejam terceiros a trabalhar na prevenção, terceiros a ajudar a corrigir e a apoiar se necessário, e terceiros a sugerir e garantir que haja punição de quem agrediu ou tentou agredir. Pese embora a importância da conquista da autonomia e pleno gozo de direitos dos jovens com as limitações já referidas, "supervisionar regular ou sistematicamente", nalguns casos, é um botão que não deve ser desligado. É importante que quem cuida ou apoia nestas situações, não dê o mesmo peso que a vítima dá à situação, pois nem sempre a vítima tem consciência da gravidade das situações ou consciência sequer que está a ser vítima.

Estudo de caso 13 – Marcação de encontro

Idade	17 anos
Tipo de deficiência	Deficiência intelectual moderada
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Santarém - cidade
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Instituição de acolhimento para rapazes - Lar dos rapazes
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Frequenta a escola e está a estagiar num café
Onde utiliza a Internet?	Na Instituição, na escola e em casa
Outras informações importantes	

O Diogo é um jovem de 17 anos com deficiência intelectual moderada e está institucionalizado.

É pouco funcional, está a concluir a escolaridade obrigatória, mas com um currículo específico individual, tem uma expressão oral razoável, consegue ler e escrever pequenas frases.

Normalmente, utiliza a Internet para ver vídeos de música e ir ao Facebook.

Começou a falar com um estranho pelo Facebook, que lhe pediu várias informações pessoais e marcou um encontro no Shopping, mas o jovem teve medo e faltou ao encontro.

Resolveu a situação sozinho e voltou a utilizar a Internet da mesma maneira que o fazia, apenas tem cuidado para não falar com estranhos.

Comentário do psicólogo

O cyberbullying é uma forma de agressão muitas vezes mais insidiosa que o bullying tradicional. Em experiências de vitimização e agressão, os estudos mostram que as vítimas apresentam sentimentos frequentes de vulnerabilidade ou vergonha. Geralmente, as emoções verificadas nas vítimas de cyberbullying são a tristeza, a raiva, por vezes a vontade de vingança, medo, humilhação, vontade de fugir, insegurança. Os jovens ficam confusos e perdidos, indefesos, sem vontade de verem outras pessoas, preferindo ficar sozinhos. Existe um sentimento de injustiça e por vezes de terror e desespero. Em certos casos, quando os jovens conseguem elaborar a agressão, também se verificam sentimentos de indiferença. É difícil para estes jovens concentrarem-se nas tarefas escolares, sentem-se indispostos, depois de serem agredidos e

experimentam dificuldades em adormecer. Estes episódios originam muitas vezes perturbações do sono.

O cyberbullying é uma forma de agressão muitas vezes mais insidiosa que o bullying tradicional. Em experiências de vitimização e agressão, os estudos mostram que as vítimas apresentam sentimentos frequentes de vulnerabilidade ou vergonha. Geralmente, as emoções verificadas nas vítimas de cyberbullying são a tristeza, a raiva, por vezes a vontade de vingança, medo, humilhação, vontade de fugir, insegurança.

O medo e a ameaça de represálias às vítimas e seus familiares muitas vezes inibem a queixa pelo que ainda mais se justifica a atenção proactiva e preventiva de adultos, pais, professores ou funcionários nas escolas.

Neste contexto, e dada a gravidade e frequência com que ocorrem estes episódios, é imprescindível que lhes dediquemos a devida atenção, sem sobrevalorizar (nem tudo é bullying), o que promove insegurança e ansiedade, nem desvalorizar, o que pode negligenciar riscos e sofrimento. Assim, importa considerar dois eixos fundamentais de intervenção: a prevenção e a intervenção. Esta intervenção pode assumir uma componente mais de apoio psicológico e outra de suporte, uma forma de ajuda a prevenir futuras situações desagradáveis.

Do conjunto de boas práticas conhecidas como forma de prevenção do cyberbullying, realce para:

- Utilização de pseudónimos, consoante a rede social utilizada (para não agregar informação ou então não utilizar o nome completo);
- Não disponibilizar informação pessoal (morada, número de telefone, data de nascimento, escola, turma e horário das aulas);
- Utilizar diferentes passwords consoante as redes e email utilizado;
- Escolher uma foto de perfil que não seja demasiado pessoal ou que nos identifique (qualquer pessoa pode copiar e utilizar);
- Não fornecer informações detalhadas sobre o nosso dia-a-dia da vida familiar;
- Respeitar a privacidade do outro, ou seja, não partilhar nas nossas redes informação sobre outros colegas;
- Restringir pessoas que têm acesso ao perfil e escolher criteriosamente quem se adiciona como amigo;
- Ter atenção quando um "amigo" virtual quer um encontro (pressupõe que já sabe aproximadamente a localidade onde vivemos, ou tem a intenção de saber). Nunca devemos comparecer nesse encontro sozinhos, devemos informar os pais ou cuidadores e conversar com eles sobre isso. Se se decidir comparecer, fazer-se acompanhar por amigos ou pessoas da nossa confiança.

Comentário dos agentes da GNR (Guarda Nacional Republicana)

A Guarda Nacional Republicana (GNR) é uma força de segurança de natureza militar, constituída por militares organizados num corpo especial de tropas e dotada de autonomia administrativa, com jurisdição em todo o território nacional e no mar territorial.

Entrevistados - Chefe Cerveira, Cabo Miguêns e Guarda Sequeira, no dia 16 de março de 2018. Também faz parte da equipa o Cabo Horácio.

Questões:

1. Olhando para o caso, o que poderia ter sido feito de forma diferente para evitar o crime ou o abuso que aconteceu?
2. Depois de isso acontecer, qual o seu conselho para proteger a vítima (dinheiro, bens) e processar os autores?

Conclusões:

Estes agentes integram a Secção Prevenção Criminal e Policiamento Comunitário (SPC) e têm como área de intervenção a periferia das zonas urbanas de Santarém, Cartaxo, Almeirim, Rio Maior e Chamusca.

Através do programa Escola Segura, contactam as escolas e a população com as NEE que as integram, cada vez em maior número, mas as situações com que se deparam são sobretudo na área dos maus tratos físicos, não têm experiência nos casos de cibercrime.

Quando, nesta população, têm casos de vítimas de crimes, as maiores dificuldades com que se deparam são ao nível da comunicação. Para facilitar este processo, socorrem-se normalmente do Núcleo de Investigação e Apoio a Vítimas Específicas, que ajuda nas entrevistas e condução dos processos até, se for o caso, aos tribunais.

Para evitar os crimes que foram cometidos contra estes jovens, eles devem conhecer os perigos a que estão sujeitos na Internet. A melhor forma de os divulgar é através de ações de sensibilização, nas quais eles já têm colaborado com algumas escolas.

Nos casos em que haja algum tipo de abuso, como os dos estudos de caso, o conselho é que seja apresentada queixa na GNR, para que esta possa proceder à investigação dos factos. Estes jovens e este tipo de crime são tratados como qualquer outro tipo de vítima ou crime, podendo o processo seguir para Tribunal se isso se justificar.



O Núcleo de Investigação e Apoio a Vítimas Específicas tem como objetivo apoiar as vítimas e conduzir a investigação dos crimes relacionados, essencialmente, com as problemáticas das mulheres e das crianças. Promovem as ações de apoio que, para cada caso, forem consideradas necessárias e passíveis de serem efetuadas.

Mais informações: <https://www.facebook.com/GNRViseu/posts/345748165465819>

A sua área de intervenção no Policiamento Comunitário e nos Programas Especiais na GNR (http://www.gnr.pt/ProgEsp_main.aspx) integra o Programa de Apoio a Pessoas com Deficiência, que tem como objetivos:

1. Prevenir situações de negligência, abuso, violência e maus-tratos contra pessoas com deficiência;
2. Promover a cooperação entre a Guarda e parceiros locais, na área da deficiência, reabilitação, mobilidade e promoção da segurança;
3. Sensibilizar a comunidade em geral e a comunidade educativa em particular, para o respeito dos direitos de igualdade e não discriminação das pessoas com deficiência, procurando alterar comportamentos sociais fundamentados em preconceitos e garantir que as pessoas com deficiência possam usufruir dos seus direitos;
4. Contribuir para uma melhoria no atendimento e encaminhamento das pessoas com deficiência pela Guarda;
5. Proporcionar aos militares da Guarda a aquisição de ferramentas específicas de comunicação e informação acessível às pessoas com deficiência para uma atuação enquadrada, qualificada, próxima, humana e inclusiva.

Mais informação sobre este programa em: <http://www.gnr.pt/progApoioDeficientes.aspx>

Contactos

Telemóvel: 961192327 ou 961192328

Email: ct.str.dstr@gnr.pt

Comentário dos agentes da PSP (Polícia de Segurança Pública)

A Polícia de Segurança Pública, designada por PSP, é uma força de segurança, uniformizada e armada, com natureza de serviço público e dotada de autonomia administrativa.

A PSP tem por missão assegurar a legalidade democrática, garantir a segurança interna e os direitos dos cidadãos, nos termos da Constituição e da lei.

Entrevistado - Agente Afonso da Escola Segura da PSP no dia 13 de março de 2018. Também faz parte da equipa o Agente Chaves e o Agente Ferreira.

Questões:

1. Olhando para o caso, o que poderia ter sido feito de forma diferente para evitar o crime ou o abuso que aconteceu?
2. Depois de isso acontecer, qual o seu conselho para proteger a vítima (dinheiro, bens) e processar os autores?

Conclusões:

Atualmente estamos todos, cada vez mais, sujeitos a este e a outro tipo de crimes ou abusos. A melhor forma de os evitar é pela prevenção, que pode ser feita através de ações de sensibilização especificamente a este tipo de população.

A PSP, sobretudo através dos agentes que estão destacados neste serviço (Escola Segura), mantém uma grande proximidade com as escolas e com os alunos, e frequentemente colabora em várias ações conjuntas de prevenção, divulgação e sensibilização de forma a tentar melhorar as atitudes e os comportamentos diminuindo os riscos a que estamos expostos.

A experiência indica-nos que este tipo de população tem tendência em desvalorizar alguns comportamentos de abuso ou de crime e normalmente têm também dificuldade em falar do assunto.

Sugerimos que, num prazo de 6 meses após a ocorrência, seja comunicado à autoridade policial o que se passou, sendo cada caso alvo de um processo de investigação, em primeiro lugar a nível interno e posteriormente, se existir indícios de crime, a nível do Ministério Público.

Os agentes referem ainda que não lhes é dada qualquer formação para falarem com este tipo de população e a sua experiência e sensibilidade é que os vai conduzindo nestes processos e procedimentos, havendo por vezes necessidade de recorrer a um interlocutor que esteja mais próximo do jovem para falar com ele e recolher os depoimentos necessários.

A PSP colabora também no Programa Significativo Azul e o Comunicar em Segurança em parceria com várias instituições e ministérios nacionais.

O Programa Significativo Azul foi protocolado, no dia 6 de setembro de 2013, entre algumas instituições e 2 dos Ministérios do Governo com o objetivo de sensibilizar e formar as organizações para a prevenção de situações de violência e maus tratos contra pessoas com deficiência intelectual e/ou multideficiência. Tem ainda como objetivos promover a sensibilização dos elementos da PSP para a problemática da deficiência e para a necessidade de uma proteção especial que garanta os seus direitos securitários, contribuir para a melhoria no atendimento e encaminhamento das pessoas com deficiência por parte dos elementos da PSP e dotar estes elementos de ferramentas específicas de comunicação e informação acessíveis à população com deficiência intelectual e/ou multideficiência.

O programa é composto por 3 fases distintas: formação, implementação, desenvolvimento e monitorização, neste momento o mesmo encontra-se na 3ª fase, tendo na 1ª sido formados 330 elementos da PSP.

Fonte: <http://www.fenacerci.pt/2017/06/22/programa-especial-significativo-azul/>

Mais informação em: <http://www.psp.pt/Pages/Noticias/MostraNoticia.aspx?NoticiasID=1077>

Comunicar em Segurança com a Portugal Telecom é um programa da Fundação Portugal Telecom que pretende contribuir para uma cidadania digital consciente, segura e responsável.

Pretende-se, portanto, apelar para uma utilização adequada da Internet, telemóveis e redes sociais; alertar para os riscos decorrentes de uma utilização menos preocupada; ensinar algumas dicas aos mais distraídos e tentar convencer os mais resistentes, através de exemplos práticos; difundir o uso da tecnologia, de forma segura, em benefício da sociedade.

No site do projeto pode ser encontrado um conjunto de materiais, vídeos e jogos utilizados pelos alunos, pais e professores.

Fonte:

<http://www.fundacao.telecom.pt/Home/Educa%C3%A7%C3%A3o/ComunicaremSeguran%C3%A7a.aspx>

Site do projeto: <http://www.comunicaremseguranca.sapo.pt/>

Inclusão República Checa

Estudo de caso 14 – Abusos no Facebook



Idade	43 anos
Tipo de deficiência	Deficiência intelectual ligeira
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Cidade grande
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Habitação protegida
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Trabalha num café
Onde utiliza a Internet?	Em casa
Outras informações importantes	Sob tutela parcial

Dana tem 43 anos e vive com a sua colega de quarto num apartamento protegido. Está sob tutela parcial - possui competências limitadas na área da gestão financeira, realização de atos jurídicos e decisões sobre saúde. Tem um tutor público.

Trabalha num café a part-time, um serviço social que emprega pessoas com deficiências intelectuais. Ela gosta do seu trabalho; gosta de pessoas e gosta de conversar com elas.

Quando precisa, pode tratar os problemas ou perguntas com um assistente do apartamento protegido. Ela tem alguns amigos; às vezes passa o seu tempo livre com eles.

A Internet é o seu hobby favorito; gosta de conversar nos chats. Vai à biblioteca e gosta de fazer compras.

Entrevista com Dana

Na Internet troco mensagens com outras pessoas no Facebook, e vejo várias fotos e vídeos. Tenho um email e uso-o. Eu adoro a Internet; estou frequentemente no meu computador, às vezes até uma noite inteira.

Eu gosto de consultar o Facebook, ver fotos, ler o que os outros escreveram e às vezes conversar com amigos.

Posso conversar com os meus amigos no Skype. Na Internet acompanho o que aconteceu na cidade. Interesse-me por visitas a várias exposições; consulto os sites de galerias e museus.

Também tenho uma experiência má com a Internet.

Uma vez conheci um homem na Internet. Nós conversámos através do Facebook. Depois trocámos números de telefone e conversámos pelo telefone. Depois de algum tempo, ele sugeriu que nos víssemos.

Concordámos onde nos iríamos encontrar e depois fomos almoçar juntos. Depois do almoço, ele convidou-me para o seu apartamento, onde conversámos e bebemos uma chávena de chá. Nós concordámos em fazer sexo. Ele também tirou algumas fotos minhas nua. Ele disse que era só para ele me recordar, porque gosta de mim. Então eu concordei. Eu não tirei nenhuma foto dele e não tirámos nenhuma foto juntos.

Algum tempo depois, ele ligou para me ver novamente e sugeriu que eu fosse ter diretamente com ele. Eu não queria, tinha mudado de ideias e não queria fazer sexo ou fosse o que fosse com ele. Mas ele disse-me que tinha as minhas fotos nua e que ele as colocaria no Facebook se eu não fosse ter com ele.

Eu pensei que ele as fosse guardar só para ele, como tínhamos combinado. Eu não queria que ele as colocasse na Internet, mas também já não queria vê-lo mais. Deixei passar.

Finalmente, as fotos foram publicadas na Internet; um dos meus amigos viu-as no Facebook. Fiquei bastante envergonhada e senti-me enganada.

Comentário do psicólogo

Se nos abstrairmos da história, o problema não é tanto a Dana ter saído com alguém que queria ter relações sexuais com ela. Se fosse um homem que ela conhecesse bem, em quem pudesse confiar, e com quem quisesse ter relações sexuais, não seria um problema. Mas saindo com alguém que não conhece, o risco de abuso é alto, especialmente quando uma pessoa tem uma deficiência e é mais facilmente maltratada. Uma boa prevenção pode reduzir esse risco. É importante saber quais são as regras seguras para a comunicação na Internet, o que digo acerca de mim próprio, onde me encontro com uma pessoa que não conheço, quais são os riscos de deixar alguém tirar-me uma fotografia nua, como posso verificar se posso confiar numa pessoa. É bom saber o que fazer quando a pessoa está em situação de risco e é vítima de uma experiência desagradável.

Comentário da entidade policial

Dana é uma adulta que está sob tutela parcial, mas decidir quando, onde e com quem se encontrar e com quem fará sexo, é uma decisão apenas dela. É importante saber que o sexo e a eventual fotografia do seu corpo nu devem ser puramente voluntários da sua parte, sem a coerção verbal ou física de qualquer outra pessoa.

Quando se trata da subsequente distribuição e divulgação das suas fotografias íntimas, ela deve dar o seu consentimento explícito; caso contrário, o infrator comete um crime:

- Violação do sigilo de documentos e outros documentos mantidos em sigilo, ou;
- Extorsão.

Em termos de cibercrime, a divulgação ou outro uso dos dados digitais armazenados num dispositivo (especialmente no disco rígido do computador) é um ataque cibernético típico. Em termos de delimitar as características dos fatos, o conteúdo ou o tipo de dados que se tornou alvo de ataque não é relevante para qualificar o ato. Pode ser pessoal, onde os dados armazenados podem tomar a forma de uma fotografia, imagem, texto, programa de computador, base de dados do computador, gravação de áudio ou voz, gravação de filme, etc. E pode ser profissional, tal como emails ou mensagens SMS e MMS armazenadas na forma de dados na memória do telemóvel, bases de dados corporativas com listas de clientes e contatos, contabilidade eletrónica, registos médicos de um paciente mantidos em formato eletrónico, entre outros.

Estudo de caso 15 – Exemplo de como resolver o problema do cyberbullying

Idade	42 anos
Tipo de deficiência	Deficiência intelectual ligeira
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Cidade grande
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Com os pais
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Escritório
Onde utiliza a Internet?	Em casa e no trabalho
Outras informações importantes	

Jirka vive com a mãe em Praga. Ele trabalha no escritório de uma empresa de TI. Encontrou o seu trabalho através da agência, que fornece apoio para pessoas com deficiência intelectual na procura de emprego. Sente-se muito orgulhoso porque gosta de trabalhar no computador.

Ele comunica com as pessoas através da Internet e redes sociais. Interessa-se pelas novas tecnologias.

Jirka fundou um grupo de auto-advocacia numa pequena cidade perto de Praga. Auto-advogados são pessoas com deficiências intelectuais que estão preocupadas com os seus direitos e interessam-se pelos direitos e status das pessoas com deficiência na sociedade.

Entrevista com Jirka

Eu uso a Internet no trabalho. Pesquiso os vários itens necessários no trabalho e, em seguida, encomendo-os e remeto-os por correio ou vou buscá-los eu mesmo. Também envio emails.

Em casa, não utilizo a Internet com tanta frequência. Estou no Facebook ou a jogar jogos simples - Carros ou Super Mário. Envio emails; tenho 3 endereços de email. Não uso Skype.

Neste momento tenho muitos amigos no Facebook, por isso tenho de reduzi-los. Outras pessoas mandam-me pedidos de amizade. Não os vou aceitar se não quiserem corresponder comigo.

No Facebook estou mais interessado em visitar as diferentes páginas. Fora isso, estou mais interessado em pesquisar informações e depois procurar nos mapas.

Às vezes compro coisas para mim através da Internet. Comprei meias da última vez, por exemplo. Eu pago sempre as coisas no ato de entrega. Não quero pagar por Internet banking. Tenho medo que alguém entre na conta e roube o dinheiro que tenho lá.

Para mim é uma grande vantagem encontrar, na Internet, os lugares onde quero ir, e também encomendar e comprar os bilhetes. Eu gosto de falar no Facebook, onde converso frequentemente.

Eu tive uma má experiência no Facebook. Aconteceu que alguém estava a incomodar-me no Facebook. Ele escreveu mensagens que me chatearam. Fez fotomontagens das fotos que eu tinha armazenado no Facebook. Por exemplo, ele enviou-me uma foto minha, como se fosse um retrato, em que eu tinha uma cabeça de cão. Eu não gostei disso.

Tentei resolver pedindo à pessoa, que não conhecia, que não me ligasse nem escrevesse. Mas ele não deu ouvidos, então eu bloqueei-o. E isso ajudou.

Acerca do que fazer, fui aconselhado no trabalho por um advogado e amigos. Eles disseram-me que existe a possibilidade de bloquear alguém no Facebook e no email. Uma vez eu tive de bloquear um endereço no meu email. Recebia emails incómodos de uma pessoa, então bloqueei-a.

Tirando estas experiências, a Internet serve-me bem.

Agora tenho mais atenção no Facebook, adiciono amigos que querem falar comigo e não aqueles que apenas me querem ligar e incomodar. Só tenho fotos visíveis com login, para que todos os que estão no Facebook não possam vê-las, mas apenas aqueles a quem autorizo ver as minhas fotos. Foi isso que o meu tio me aconselhou a fazer.

No Facebook tenho quase todos os meus familiares, exceto a minha mãe, portanto vou falando muito com a minha família.

Jirka disse:

Eu tive uma má experiência no Facebook. Aconteceu que alguém estava a incomodar-me no Facebook. Ele escreveu mensagens que me chatearam. Fez fotomontagens das fotos que eu tinha armazenado no Facebook. Por exemplo, ele enviou-me uma foto minha, como se fosse um retrato, em que eu tinha uma cabeça de cão. Eu não gostei disso. Tentei resolver pedindo à pessoa, que não conhecia, que não me ligasse nem escrevesse. Mas ele não deu ouvidos, então eu bloqueei-o. E isso ajudou.

Comentário do psicólogo

Jirka não mostra nenhum comportamento que aumente o seu risco de abuso, manipulação, extorsão ou cyberbullying. Então, aqui está claro que a simples equação de deficiência mental = abuso e cyberbullying nem sempre é verdadeira. Jirka tem pessoas à sua volta em quem confia e de quem segue as opiniões. Graças a isso, ele usa ferramentas válidas para se defender contra mensagens e emails de intimidação. A ferramenta mais comum é bloquear um contato específico e ajustar as configurações de privacidade no Facebook de modo a que o perfil não seja público, mas sim acessível apenas aos amigos.

Comentário da entidade policial

Jirka é um homem adulto com deficiência mental ligeira e não tem nenhuma limitação de capacidade legal. Jirka é capaz de tratar de si próprio e decide, de forma independente, encontrar-se com amigos, namorar ou conversar nas redes sociais. É importante saber que conversar e namorar na Internet pode ser arriscado. Ele nunca sabe quem está sentado atrás de um computador do outro lado. Muitas pessoas usam perfis falsos. Pode estar a ocorrer o envio de emails inadequados. Na legislação Checa, esta é uma nova ofensa, pela qual o nome “stalking” é conhecido. Pode ou não ser cometido como um crime cibernético. A indicação de um cibercrime está contida na definição do facto - significa perseguição a longo prazo e persistente, ou outro contato, por escrito ou não, por meio de comunicações eletrônicas.

Um crime cibernético pode ser cometido, por exemplo, através do envio persistente ou a longo prazo de mensagens de email, mensagens SMS ou MMS, fazer chamadas telefônicas repetidas, abusar de fóruns de discussão na Internet, etc. Podem ser programas perigosos, divulgações confidenciais ou íntimas, ou audiovisuais (como usar Facebook, YouTube), apoderar-se dos dados pessoais do computador de outra pessoa, enviar mensagens pelo Skype, ICQ, VoIP, QUIP, etc. As condições de longo prazo e persistência de tais atividades, que não são apenas ocasionais ou isoladas, devem ser cumpridas. Segundo a teoria jurídica, a repetição significa mais de 10 tentativas de contato com duração de pelo menos quatro semanas.

Estudo de caso 16 – Agência de encontros

Idade	34 anos
Tipo de deficiência	Deficiência intelectual ligeira
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Cidade grande
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Com os pais
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Trabalha como segurança
Onde utiliza a Internet?	Em casa
Outras informações importantes	

Lukáš vive com a mãe, mas planeia ir viver no seu próprio estúdio. Tentou diferentes tipos de trabalho durante a sua vida, mas agora trabalha como segurança. Recebe apoio de diferentes organizações.

Os seus pais ou irmã e cunhado vão ajudando-o na sua vida. Ele tem muitos amigos, principalmente da associação Scout, aos quais escreve através do Facebook. Às vezes ele sai com um amigo para beber uma cerveja. Noutras alturas passa muito tempo no trabalho.

Ele gostaria de encontrar uma namorada com quem pudesse ter um relacionamento de longa duração. Mas ele teve uma experiência desagradável, o que fez com que agora seja cuidadoso. Ele diz que até agora não conseguiu encontrar ninguém.

Entrevista com Lukáš

Eu jogo videogames online no computador. A Internet ajuda-me a encontrar informações valiosas no Google. Uso-a também para ler mensagens e emails e para utilizar o Facebook e o Skype.

Eu prefiro jogar e conversar em sites de namoro.

Na Internet, quando quero comprar alguma coisa, consigo encontrar as melhores pechinchas. Também posso comparar preços em diferentes lojas com a ajuda de alguns serviços de comparação. A última vez que quis comprar uma pulseira que custa uma fortuna, encontrei-a num site de comparação a um preço muito mais barato do que na loja. Comprei pela Internet e paguei com o meu cartão. Quando quero ir ao cinema utilizo a Internet para ver o que está em exibição. Compro, também, bilhetes para espetáculos. A última vez que fui a um festival de folclore japonês que houve em Praga, os bilhetes tiveram de ser comprados pela Internet. Eu

gosto de conversar e conhecer pessoas; estou à procura de uma namorada e de um relacionamento, mesmo que por uma noite.

Eu já tive más experiências. Conheci uma rapariga num site de namoros, ela pediu dinheiro para me ligar no Skype e podermos ver um ao outro. Eu recusei o pedido dela e ela deixou de falar comigo. A quantidade variava entre cem coroas checas (cerca de 3,50 euros) a duzentas coroas checas (cerca de 7 euros).



Uma vez conheci uma rapariga online que mais tarde começou a viver comigo depois de nos conhecermos num site de conversação. Com o passar do tempo, ela começou a chantagear-me; queria dinheiro e depois queria que eu ficasse em casa e perdesse o meu emprego. Ela assumiu o controlo total sobre mim; não me permitindo viver uma vida livre. Eventualmente, os meus pais tiveram de me ajudar a superar todos os problemas. Por causa do relacionamento infeliz, fiquei com dívidas para pagar. Vivemos juntos num relacionamento que durou cerca de meio ano.

Desde então, aprendi a ser cuidadoso; agora tenho cuidado com quem me encontro. Às vezes prefiro uma rapariga de uma noite. Tenho de pagar por isso, mas às vezes é melhor para mim assim.

Comentário do psicólogo

Lukáš procura raparigas para conhecer, mesmo que por uma noite. Quanto às pessoas sem deficiência, há um desejo de parceria e um sentimento de solidão. As oportunidades para conhecer pessoas novas são mais limitadas, fazendo uso da Internet e das redes sociais. Devido a uma menor capacidade social e, especialmente, menor experiência específica, foi mais fácil para as mulheres ganharem dinheiro aproveitando-se do seu sentimento de solidão e desejo de ter um relacionamento. Sem a experiência necessária, ele era incapaz de reconhecer os perigos e era incapaz de resistir à manipulação das mulheres. Baseado no que experienciou, Lukáš aprendeu a não confiar tão facilmente e agora é mais cauteloso. O fator de risco persistente é o sentimento de solidão e o desejo insatisfeito de um relacionamento amoroso, o que pode deixá-lo ainda vulnerável a comportamentos abusivos e manipuladores, mesmo sabendo que esse comportamento não está certo.

Comentário da entidade policial

Lukáš é um homem adulto sem limitação da sua capacidade jurídica. Tem uma deficiência intelectual leve e é capaz de cuidar de si próprio e é sua a decisão acerca de quando, onde e com quem se encontra ou com quem tem relações sexuais. É importante saber que usar a Internet acarreta os seus riscos. Nunca sabemos quem está por trás do computador do outro lado, e muitas pessoas usam perfis "falsos" para abusar de outras pessoas. Quando se trata do fato de que Lukáš enviou dinheiro a alguém, deve ser descrito a razão e o motivo, se não o estão a enganar, caso contrário é impossível decidir com precisão qual o tipo de crime, e se existe, de facto, um crime. (Extorsão)

Se Lukáš concorda em fazer sexo com alguém na Internet e se se tratar de um ato voluntário de ambas as partes, sem violência, então não há crime.

Estudo de caso 17 – Extorsão de dinheiro

Idade	38 anos
Tipo de deficiência	Deficiência intelectual ligeira
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Cidade pequena
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Habitação protegida
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Trabalha numa vinha
Onde utiliza a Internet?	Em casa
Outras informações importantes	Sob tutela parcial

Dan viveu na instituição de assistência social desde os seus 18 anos, tendo-se mudado para uma habitação protegida com 31 anos de idade, onde vive numa casa com outras quatro pessoas. Ele tem o seu próprio quarto; a cozinha é comum. Dan está sob tutela parcial na área das finanças.

Ele trabalha numa vinha, ajudando ocasionalmente em trabalhos de construção. No seu tempo livre, ele gosta de ir com os seus amigos beber uma cerveja, gosta de discotecas e visitar os familiares. Em casa ouve música, usa a Internet e gosta de cozinhar.

Dan está à procura de uma namorada e comunica muito com mulheres na Internet. Apesar de ter tido diferentes experiências negativas, ele não aprendeu muito. Na habitação protegida eles tentam conversar com ele acerca dos riscos, mas às vezes ele mete-se em problemas e não sabe como.

Entrevista com Dan

O que utiliza mais na Internet?

Tudo é possível... raparigas... eu escrevo...

Escreve... isso significa por email com os seus amigos? Ou sites de namoro?

Bem, eu tenho uma conta no Facebook.

E em sites de namoro para conhecer pessoas novas?

Bem, eu estou aqui... quantas vezes não tive sucesso com raparigas? Algo aconteceu comigo e bloqueou o meu Facebook. Eles até bloquearam o meu Messenger.

E sabe porquê?

Eu não sei.

E para quem escreveu?

Bem, para alguns asiáticos também.

Como vietnamitas?

Sim.

E com que frequência está na Internet?

Quase todos os dias. Às vezes não... como estive na brigada durante três dias.

E no Facebook só escreve com pessoas que conhece?

Bem, vou adicionar algumas raparigas.

Alguém entra em contato consigo e depois adiciona essa pessoa?

Bem, talvez eu escreva, e se ela quiser alguma coisa, eu paro de escrever.

E o que é bom para si na Internet - agradável ou benéfico para si?

Então, eu converso com um amigo, um colega de turma. Eu uso dessa forma.

Então, essencialmente comunica com outras pessoas?

Sim.

Teve alguma experiência negativa?

Sim. Com raparigas... elas queriam dinheiro.

E como é que isso aconteceu? Foi via Facebook? Com alguém que não conhecia antes?

Bem, eu conheci-a, troquei mensagens com ela. Depois... eu dei-lhe dinheiro e ela fez-me de idiota.

Pensou que eram amigos?

Sim, eu ajudei-a e nada.

Ela queria dinheiro emprestado?

Sim, eu enviei-lhe o dinheiro e ela humilhou-me...

E desde então, não voltou a fazer nada desse género? Acreditaria noutra pessoa?

Não, nunca mais. Eu queria ajudá-la, então ajudei-a e...

E acha que ela lhe mentiu?

Eu não sei, só não a vi.

Aprendeu alguma coisa com isso?

Aprendi muito, eu não acredito realmente nas raparigas.

E quando alguém que não conhece lhe enviar mensagens?

Então vou perguntar o que ela quer. E quando ela quiser dinheiro, eu bloqueio-a imediatamente.

Sabe como bloquear ou configurar a privacidade na sua conta?

Eles vão-me ajudar aqui... assistente. Pergunte-lhe a ela como é.

Nota: Como Dan me encaminhou para uma assistente, conversei com ela acerca das suas atividades. Ela explicou-me que a conta dele foi bloqueada várias vezes porque ele tinha algum conteúdo inapropriado nos contatos com raparigas asiáticas. Ele também comunicou com elas de uma maneira inaceitável nas redes sociais. Ele próprio não entendeu porque razão o bloquearam.

Comentário do psicólogo

Parece que Dan é mais vulnerável devido à necessidade não preenchida de um relacionamento amoroso. Ele pode conhecer os riscos, e teve, inclusive, experiências negativas, mas por causa dessa necessidade, ele está frustrado e continua a comportar-se de maneira arriscada. Aqui, a prevenção intensa poderia ter ajudado. Pode ser um período mais longo em que Dan está exposto a situações de risco. Ao mesmo tempo, há trabalho a fazer na satisfação das suas necessidades relacionais e sexuais, porque enquanto estas necessidades não forem satisfeitas e ninguém trabalhar com elas, é provável que os comportamentos arriscados e inadequados persistam.

Comentário da entidade policial

Dan é um homem adulto que está sob tutela parcial na área de gestão financeira, na execução de atos legais e nas decisões sobre sua saúde. Mas decidir quem, quando e onde se encontrar, e com quem tem relações sexuais é uma decisão unicamente sua. Dan é capaz de cuidar de si próprio, mas deve saber que o namoro através da Internet tem os seus próprios riscos; nós nunca sabemos quem se esconde atrás do outro computador, muitas pessoas usam perfis "falsos" de outras pessoas para efetuarem abusos. Quando se trata de comunicação com mulheres através da Internet, é preciso perguntar-lhes do que estavam a falar e a razão de elas quererem dinheiro (se era para sexo, mas, no caso de concordarem, nada estaria errado). O problema era apenas se os fatos podem ser qualificados como extorsão, veja a descrição de Lukáš. É necessário conhecer a história exata, escrita pelas mulheres, e o porquê de quererem dinheiro, de modo a qualificarem-se os fatos.

Também vale a pena mencionar que as próprias redes sociais têm o direito de bloquear conteúdo inadequado e bloquear contas, sendo, provavelmente, o que aconteceu com Dan, possivelmente reportado por outros utilizadores como conteúdo inapropriado.

Notas finais

Comentário do psicólogo

Uma boa prevenção pode reduzir o comportamento de risco. É importante saber quais são as regras seguras para a comunicação na Internet, o que eu digo acerca de mim próprio, onde me devo encontrar com uma pessoa que não conheço, quais são os riscos de deixar alguém tirar uma fotografia minha nua, como posso verificar se posso confiar numa determinada pessoa.

É importante conversar com as pessoas sobre as suas necessidades de ter uma relação e sobre sua sexualidade. Porque, enquanto essas necessidades não forem satisfeitas e ninguém trabalhar com elas, é possível que comportamentos arriscados e inadequados persistam.

Ter amigos e gente em quem a pessoa possa confiar é muito importante.

Inclusão Europa

Estudo de caso 18 – Chantagem após partilha de fotos íntimas



Idade	?
Tipo de deficiência	Deficiência intelectual ligeira
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Cidade pequena
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Sozinho, no seu próprio apartamento, com acesso a assistência se desejar
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Trabalha numa estrutura de Serviço e Ajuda através do Trabalho
Onde utiliza a Internet?	Em casa
Outras informações importantes	

François (nome falso) – Chantagem com fotos íntimas

François vive sozinho num apartamento. Se precisar de ajuda, ele pode visitar o centro localizado no bairro, um serviço oferecido pelo provedor de serviços da habitação protegida da região. François usa a Internet regularmente. Ele usa principalmente o Messenger e o Facebook para estar em contato com a sua família e colegas. Ele também usa regularmente motores de busca para planejar as suas visitas a outras cidades.

Uma vez teve uma experiência desagradável devido ao uso do Messenger e do Facebook. Uma senhora entrou em contato com ele por mensagem no Messenger. Eles começaram a trocar mensagens normalmente até que ela lhe pediu que enviasse fotos nu. Ele fez isso, embora estivesse ciente de que não o deveria fazer. A pessoa começou a chantageá-lo e pediu grandes quantias de dinheiro, ameaçando partilhar as fotos íntimas que ele lhe tinha enviado. Ela ameaçou partilhar essas fotos com todos os seus contatos no Messenger e no Facebook. Ele recusou e depois "bloqueou-a" para impedir que esta entrasse em contato consigo via Messenger. Então, ela tentou contactá-lo novamente através de outras plataformas de conversação online, criando vários perfis no Facebook, e fazendo-se passar por outra pessoa. Visto que ele recusou dar-lhe o dinheiro pedido, ela começou a partilhar a foto dele nu nas redes sociais, com todos os seus contatos.

Alguns dias depois, o primo de François ligou para a sua tia, com quem ele estava. A sua prima informou a tia que ela tinha visto e recebido fotos dele nu no Facebook. As fotos dele acabaram por ser vistas por muitos membros da sua família. A pessoa que estava a tentar chantagear

François, em seguida, também pediu uma quantia substancial de dinheiro à sua tia, bem como a vários outros membros da família. Nenhum dos membros da família concordou em dar dinheiro a essa pessoa, e alguns informaram que, se ela continuasse, eles iriam denunciá-la à polícia.

François tinha medo de apresentar queixa porque ela o tinha ameaçado apresentar queixa contra ele por ele ter enviado fotos dele nu. A sua tia disse-lhe que se a pessoa fizesse uma queixa, ela também seria processada por tentar chantageá-lo e extrair dinheiro dele. Ela disse-lhe, de igual modo, que ele também poderia ser processado por partilhar fotos dele nu.

As pessoas que lhe estão mais próximas, aqueles familiarizados com a história, assim como outros, notaram que ele não estava bem. François não comia bem e tinha problemas para dormir por causa da situação e por saber que os seus amigos tinham recebido as suas fotos íntimas. No trabalho também fazia notar a sua ausência. Os seus amigos, no entanto, entenderam e apoiaram-no. Ele foi aconselhado a falar com um profissional sobre a sua experiência de modo a obter ajuda e superar esta provação. Ele foi capaz de conversar com os psicólogos do centro de assistência e discutiu, também, a situação com o seu responsável.

François continua a utilizar a Internet, mas aprendeu com sua experiência e agora está mais atento e cuidadoso.

Comentário de um auxiliar

Desde o início do seu acompanhamento pelo provedor de serviços de habitação da região, François demonstrou ser uma pessoa vulnerável e mostrou comportamentos que o levaram a ser vítima de abuso: ele "empresta" dinheiro que não lhe é devolvido, fornece o seu cartão bancário e respetivo código secreto, entre outras situações... François também está à procura de uma alma gémea, ligando-se a sites de namoro e redes sociais sem dar uso aos meios de proteção contra pessoas maliciosas. Ele abriu várias contas no Facebook que permanecem visíveis para o público. Ele responde a qualquer pedido de amizade vindo de uma mulher, porque espera um relacionamento.

A equipa de educação percebeu uma mudança de comportamento em François: ele andava triste, cansado e não aparecia no trabalho. Um membro da sua família entrou em contato com o serviço educacional para informar da divulgação de uma foto íntima. O educador responsável discutiu a situação com François, que explicou tudo e sentiu-se culpado por não ter percebido o perigo. Ele criou outra conta no Facebook e, com o educador, procuraram, em vão, os detalhes de contato da senhora, que já havia eliminado a conta. François escreveu um pedido de desculpas para aqueles que receberam a foto. Conseguiu, também, conversar com o seu delegado e com o psicólogo de serviço.

Após o incidente da foto, François não quis apresentar queixa. Disse que estava envergonhado e tinha medo de ser, ele próprio, processado pelo envio das fotos. Desde então, ele suspeita mais facilmente de mulheres na Internet. Ele tem em conta os conselhos e observações dos membros da sua família e dos profissionais relativamente a relações sociais. Além de tudo isto, reforçou a proteção da sua conta de Facebook.

Estudo de caso 19 – Hacking de conta de Facebook

Idade	25 anos
Tipo de deficiência	Deficiência intelectual ligeira
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Cidade pequena
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	No seu próprio alojamento, numa estrutura protegida
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Trabalha numa estrutura de Serviço e Ajuda através do Trabalho
Onde utiliza a Internet?	Em casa
Outras informações importantes	

Pierre faz pouco uso da Internet. Usa, principalmente, o Facebook para conversar com algumas pessoas da sua família, incluindo o seu primo. Ele faz parte do grupo de auto-advocacia da sua comunidade e já foi eleito representante residente da estrutura habitacional em que vive.

Pierre também teve problemas após o uso da Internet. A sua conta foi hackeada. Ele percebeu isso enquanto se tentava autenticar. Uma mensagem no Facebook dizia que, como a sua conta tinha sido invadida, ele já não lhe podia aceder. A sua conta foi hackeada um total de cinco vezes e, cada vez que aconteceu, decidiu recriar uma nova conta. Ele falou com o seu pai sobre o último hacking. Após a quinta vez, o seu pai aconselhou-o a não criar uma nova conta e a parar de usar o Facebook. Concordando com o pai, foi o que ele fez. Ele não quer usar mais o Facebook e agora prefere comunicar com a sua família através de mensagens de texto, com o telemóvel. Ele explica que, mesmo que recebesse conselhos para usar a Internet com mais segurança e para melhorar a proteção da sua conta de Facebook, seria seu desejo continuar a não utilizar esta rede social. O seu pai não é utilizador de Facebook. Pierre diz que o seu pai teve uma experiência semelhante, já que seu endereço de email foi hackeado.

Comentário de um auxiliar

Pierre é um adulto de 26 anos com deficiência intelectual moderada e distúrbios autistas. Sociável e atencioso, ele é apreciado pelos seus companheiros. Ele criou uma rede de amigos e colegas de trabalho. Gosta de pertencer a grupos e associações que lhe permitam uma

participação ativa, um papel, uma responsabilidade, um reconhecimento. É bastante recompensador e merecido porque Pierre investe muito de si.

Pierre tem algumas noções de leitura e escrita. Tem um telemóvel que utiliza sozinho e com regularidade no seu quarto, na casa dos pais e, às vezes, no local de trabalho.

Não possuindo o domínio completo das ferramentas, nem o conhecimento dos direitos e liberdades no campo tecnológico, pode criar dificuldades e problemas para si próprio e meio envolvente.

Estudo de caso 20 – Assédio cibernético

Idade	26 anos
Tipo de deficiência	Deficiência intelectual ligeira
De onde é (vila, cidade pequena, cidade grande, etc.)	Cidade pequena
Onde vive (com os pais, no próprio apartamento, apartamento protegido etc.)	Num estúdio com o seu parceiro, num alojamento protegido
O que faz na vida (trabalha, em casa, na oficina etc.)?	Trabalha numa estrutura de Serviço e Ajuda através do Trabalho
Onde utiliza a Internet?	Em casa
Outras informações importantes	

Olívia (nome falso) vive com o seu companheiro num estúdio particular num alojamento protegido. Ela é utilizadora regular da Internet. Usa redes sociais como o Facebook, e serviços de conversação online, como o Messenger, bem como outros aplicativos como o Snapchat e o Instagram. Ela também usa a Internet para obter informações, assistir a vídeos no YouTube e descarregar músicas pelo Google MP3. Mas o que ela mais faz online é jogar Farmville (um jogo no Facebook cujo objetivo é construir e gerir uma quinta) e outros jogos online.

Apesar do uso diversificado da Internet, os incidentes que experienciou e ainda vive ocorreram através do Messenger. Foi assediada via Messenger, até receber uma ameaça de morte. Ela recebeu, também, insultos da mesma pessoa. Este homem pediu-lhe para enviar fotos dela nua, que ela se recusou a fazer. Ele tentou chantageá-la e fez outras propostas indecentes. Esses pedidos fizeram-na sentir-se realmente desconfortável. Não teve coragem para falar com outras pessoas acerca do ocorrido, acabando por fechar-se dentro de si própria. Ela sentiu-se mal devido à situação.

Acabou por falar com o gerente, que tentou aconselhá-la e explicar que era necessário parar de comunicar com a pessoa que a assediava. Olívia bloqueou a pessoa no Facebook para que não pudesse continuar a contactá-la. Ela basicamente aceitou o "pedido de amizade" pensando que se tratava de uma pessoa benevolente.

Mais recentemente, ela voltou a experienciar uma situação semelhante. Alguém a assediou novamente através de mensagens e chamadas. A pessoa aproveitou-se, também, da sua identidade no Facebook e usou a sua foto pessoal para criar um novo perfil na rede social. Através desse perfil falso, enviou mensagens para os amigos de Olívia, fingindo ser ela ou fingindo ser um dos membros da sua família. Ela bloqueou-o para que não pudesse continuar a contactá-la por mensagens no Facebook. Além disso, como essa pessoa vivia na mesma

residência que ela, o assédio acontecia cara a cara, mas continuava online. Como resultado, depois de falar sobre isso, ela decidiu ir à polícia apresentar uma queixa de assédio, acompanhada pelo seu referente. A polícia seguiu a sua denúncia e a pessoa foi convocada para comparecer na esquadra (a carta de convocação não mencionava Olívia e, portanto, ele não sabia de quem vinha).

Olívia diz que tem medo de retaliação. Ela demorou muito tempo até falar sobre o que lhe estava a acontecer. Hoje ela consegue conversar com seu companheiro sobre isto. O companheiro referiu que eles conversaram muito e ele insistiu até convencê-la a reagir e não deixar o homem continuar a assediá-la.

Olívia diz que, desde que aconteceu esta situação, utiliza cada vez menos o Facebook.

Comentário de auxiliar

Olívia é uma pessoa bonita, líder na residência onde que vive. Gosta de agradar e ajuda os outros com facilidade. Ela gosta de utilizar o telemóvel e as redes sociais. À medida que as ferramentas digitais se tornam mais intuitivas, elas são facilmente acessíveis para pessoas com deficiências intelectuais leves ou moderadas. Deste ponto de vista, pessoas com e sem deficiência estão no mesmo patamar de conhecimento para a manipulação destas ferramentas.

No entanto, os meios de proteção de dados pessoais não são suficientemente conhecidos pelos utilizadores digitais. A desmaterialização expõe ainda mais pessoas com deficiência intelectual a riscos, porque não visualizam as emoções de seus interlocutores e nem sempre sabem como interromper um relacionamento virtual.

Além disto, os profissionais que acompanham não são necessariamente conhecedores destes novos meios de comunicação e não têm necessariamente acesso a essa esfera de intimidade em que os moradores interagem. A benevolência é necessária para realizar o bom uso dessas ferramentas digitais, não para proibir, porque também pode ser uma maneira de evitar o isolamento; mas torna-se necessário fazer prevenção contra os riscos do cibercrime.

Na residência, procuramos os profissionais competentes para explicar aos moradores como eles se podem proteger, mas também como esses mesmos residentes podem tornar-se autores de atos criminosos; como no caso dessa pessoa que decide usar a identidade de Olívia sem se aperceber do sentimento de perseguição que está a incutir, e sem imaginar que ela o pode processar.

Olívia reduziu a sua lista de amigos, terminou contas no Facebook e agora desempenha um papel preventivo para as pessoas que conhece. No fim, acabou por libertar-se um pouco do fascínio dos ecrãs, trocando-os por interações mais reais.